DUAS OBRAS DE MISERICORDIA

(ENSINAR OS IGNORANTES E CASTIGAR OS QUE ERRAM)

OU

ENERGICA REFUTAÇÃO

DO

OPUSCULO DO SNR. A. HERCULANO

A PROPOSITO DA SUPPRESSÃO

DAS

CONFERENCIAS DO CASINO

PELO SNR.

JOSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO

REDACTOR PRINCIPAL DO «BEM PUBLICO», ETC.

COM PROLOGO E NOTAS POR UM VIMARANENSE

> *Responde stulto juxta stultitiam suam, ne sibi sapiens esse videatur.* (*Prov.* 26, 5)
>
> N'este seculo de indifferença e de duvida não se sabe geralmente comprehender o amor apaixonado da verdade, nem o odio vigoroso á mentira; não se distingue a colera culpavel, fructo do egoismo, da vehemencia que inspira uma ardente caridade. (P.e Ramière.—L'Eglise et la Civil. Moderne—pag. 10).

GUIMARÃES

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

TEIXEIRA DE FREITAS, EDITOR

89—rua de S. Damazo—91

1875

DUAS OBRAS DE MISERICORDIA

(ENSINAR OS IGNORANTES E CASTIGAR OS QUE ERRAM)

DUAS OBRAS DE MISERICORDIA

(ENSINAR OS IGNORANTES E CASTIGAR OS QUE ERRAM)

OU

ENERGICA REFUTAÇÃO

DO

OPUSCULO DO SNR. A. HERCULANO

A PROPOSITO DA SUPPRESSÃO

DAS

CONFERENCIAS DO CASINO

PELO SNR.

JOSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO

REDACTOR PRINCIPAL DO «BEM PUBLICO», ETC.

COM PROLOGO E NOTAS POR UM VIMARANENSE

Responde stulto juxta stultitiam suam, ne sibi sapiens esse videatur. (*Prov.* 26, 5).

N'este seculo de indifferença e de duvida não se sabe geralmente comprehender o amor apaixonado da verdade, nem o odio vigoroso á mentira; não se distingue a colera culpavel, fructo do egoismo, da vehemencia que inspira uma ardente caridade. (P.e Ramière.—L'Eglise et la Civil. Moderne—pag. 10).

GUIMARÃES

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

TEIXEIRA DE FREITAS, EDITOR

1875

DUAS PALAVRAS DE PROLOGO AO LEITOR

Entre os mais impios, absurdos e contraditorios escriptos dados á luz pelo snr. Alexandre Herculano, celebre estylista de nossos tempos, prima, e a nosso vêr de uma maneira incontestavel, na impiedade, no absurdo e na contradicção, a carta ao snr. Fontana,—opusculo a que se poz por titulo: *A suppressão das conferencias do Casino.*

N'outros escriptos seus,—nos restantes *opusculos*, por exemplo—, ainda que, segundo a valiosa confissão de seu proprio auctor, a leviandade, a paixão e o espirito de calumnia houvessem presidido á sua feitura [1], não se no-

[1] Vide notas, no fim.

tava, ao menos tão evidentemente como n'este, que o furibundo inimigo das Irmãs da Caridade, cujo ensino da doutrina christã pedira ao governo que prohibisse, como a *venda publica de venenos;* que o eloquente adversario do protestantismo e do racionalismo, tornado bem depressa racionalista e protestante dos da peor especie; que o revolucionario convicto, blasphemador constante do *direito divino,* ao mesmo tempo que negador pertinaz da *soberania popular,* a qual mette a ridiculo com sobrada razão, cantando lôas ao seu liberalismo incomprehensivel, por demasiado incoherente, e absurdo em supremo grau [1]; —não se notava, repetimos, que em seus outros escriptos despropositasse tanto como n'este da *Suppressão das conferencias do Casino;* e sobretudo que assim desgrenhado e furioso arremettesse de punhos cerrados contra o céo, contra Maria Santissima, contra a Igreja, os bispos, o clero, contra os catholicos todos, aos quaes alcunha de *ultramontanos,* etc.

[1] Vide notas, no fim.

Foi por isso que não faltou quem desde logo lhe sahisse ao encontro e lhe pretendesse castigar a ousadia. Mas entre as pennas que se crusaram com a sua, é mister confessar que nem todas eram dotadas d'aquelle fogo sagrado, d'aquella *verve,* como lhe chamam os francezes, d'aquella energia, d'aquelle zelo ardente que muito mais se precisava do que phrases unctuosas e anodynas para combater um tal *Ferrabraz*-litterato-guerreiro. Alguns dos illustrados cavalheiros que as manejavam, pareciam mais discipulos que ao mestre propunham a medo e com trémulo respeito qualquer objecção; mais amigos velhos, que placidamente discursavam sobre questões de pouca monta; quasi mais compadres de escassos teres, que incensavam e afagavam o seu compadre ricasso, no mesmo momento em que lhe faziam humildes queixas de suas esquivanças, do que adversarios convictos, apossados de justa e de santa indignação, por terem visto ultrajado tudo o que mais amavam no céo e na terra, tudo o que para elles havia de mais sagrado.

É que a tibieza n'este seculo de duvida e descrença tem feito grandes estragos: — *on ne sait plus comprendre ni l'amour passioné de la vérité, ni la haine vigoureuse du mensonge*—, como ha poucos annos escreveu Ramière n'um de seus livros mais estimaveis; nem sequer se distingue a colera, ou ira culpavel, da vehemencia inspirada por uma ardente caridade:— *on ne discerne plus de la colère coupable, fruit de l'egoisme, la véhémence qu'inspire une ardente charité;* não falta quem se esqueça de haver casos em que a melhor caridade consiste em confundir e desmascarar os inimigos cavillosos da Religião:—*la meilleure charité qu'on puisse exercer à leur égard consiste à les confondre et à les démasquer* (*L'Eglise et la Civil. Moderne,* p. 9 e 10). Mas felizmente nem todos os impugnadores dos *Opusculos,* ou antes da carta-opusculo do snr. Herculano, se deixaram encantar pela serêa; nem todos se mostraram fracos ante suas incriveis arrogancias e ousadias sacrilegas. Tambem alguns houve— dous ou tres—que o confundiram devéras, fa-

zendo-lhe pagar caro—bastante caro—o imprudentissimo arrojo.

Entre estes apresentou-se na arena da lucta o vigoroso athleta que já todos conhecem, um dos mais denodados campeões do Catholicismo na velha Europa, o primeiro controversista religioso da nossa patria. Sobre a tempera de suas armas, a força e a destreza de seu braço, a certeza e fundura de seus golpes, nada diremos. A tal respeito diz tudo e dil-o com sobrada eloquencia o que em seguida publicamos com a devida auctorisação,—o presente fasciculo=DUAS OBRAS DE MISERICORDIA.

Por ultimo—e entre parenthesis—só pedimos aos leitores que reparem attentamente nos *versinhos* collocados como epigraphe em cada capitulo... A vêr se adevinham!...

Um Vimaranense.

I

A Immaculada Conceição e os Opusculos

Motivos para desenterrar estes.—Carta ao snr. Fontana.—Annos para cá..., annos para lá...—Falta de logica do snr. Herculano e suas blasphemias.

> Se a torpe canalha de infames pedreiros...
> áquelles que os podres lhe mostram patentes
> patada reviram, ou reviram dentes,
> tambem nós devemos na penna agarrando
> as bestas manhosas ir assim malhando,
> pois sendo tosadas talvez as bustellas
> lhes caiam das sujas nojentas masellas.
>
> Os Pedreiros, Satyra.

Com a taboleta modesta—*Opusculos,* publicou o snr. A. Herculano uma segunda edição de escriptos, já esquecidos e polverosos. Foi uma galvanisação, com

que procurou fazer um bom negocio que lhe rendesse em poucas semanas muito mais do que poderia o *azeite* dar-lhe em dois ou tres annos. E o caso é que acertou. Damos-lhe os parabens por se não ter esquecido ainda de que o homem não nasceu para deitar dinheiro á rua, e conservar as tradições, não diremos que gloriosas, mas certamente lucrativas de 1840. E tambem lhe fazemos cumprimentos por mostrar que não andou com dasacerto quando se lastimou de que «o espirito sentia bem a propria decadencia, cujos effeitos a interrupção dos habitos litterarios devia aggravar;» porque uns viram n'isto uma desculpa antecipada a erros aliás deploraveis, e sorriram-se da previdencia, e outros festejaram estas palavras como um testimunho de modestia. Ainda ha tantos innocentes n'esta boa terra!

Como quer que seja, os defuntos escriptos foram desenterrados, e figuram na exposição litterario-mercantil espaneja-

dos, com uma mão de verniz, e dispostos *secundum artem*... mas que importa isso? Estão sem vida, são mumias, onde por muito que se faça não póde achar-se o mais passageiro vestigio dos encantos e da vida que ha 36 annos fazia as delicias dos jovens inexpertos, enlevando-lhes os corações e fascinando-lhes a intelligencia mal desenvolvida.

Não é facil roubar aos vermes o pascigo que lhes pertence, nem á morte o que ella destroçou. Deixemos em paz esses escriptos, de que sómente restam os ossos resequidos por baixo de uma casca envernizada a fingirem o que foram, offerecendo o mesmo resultado que os arrebiques e os cosmeticos dos mancebos de 70 annos, onde a par do cabello tingido pela agua circassiana se vê o rosto encarquilhado e a pelle coriacea, como lição de ridiculo, destinada a preservar algumas debilidades.

Mas não prescindimos, por isso, de ex-

pôr a nossa opinião sobre esses escriptos, e menos de fazer algumas observações á carta que escreveu ao snr. Fontana ácerca de *A suppressão das conferencias do Casino*. Não se pense porém que vamos discutir a suppressão, nem os motivos mais ou menos arbitrarios e sophisticos pelo auctor da carta adduzidos para condemnal-a. Já démos a nossa formal approvação a esse acto do governo, invocando razões de justiça e decencia que ninguem se atreveu sequer a abalar; nem ao menos o epistolante, apesar da sua habilidade em conservar uma opinião para cada occorrencia, embora ellas se repillam mutuamente. O nosso intuito parece-nos bastante bem indicado na epigraphe d'esta succinta analyse para que tenhamos de nos demorar a explanal-o.

O snr. A. Herculano, abusando da ingenuidade e boa fé do snr. Fontana, e da propensão natural do seu espirito para o mysticismo, propinou-lhe em altas dóses

o veneno da heresia, e da descrença, diluido n'uma phraseologia obesa de beaterio jansenista, e acidulada de jogralidades improprias do assumpto, indignas d'um escriptor sério, e repugnantes a qualquer leitor decente. Comtudo não nos atreveriamos a estranhal-as em quem tivesse tomado como seu modelo a Luthero nos seus *propos de table,* e viesse repetil-os no mesmo logar onde elle os preferia, diante d'uma bilha de cerveja com os seus amigos. Este porém não é o caso.

E contra «o immaculatismo e o infallibilismo,» como o snr. Herculano lhes chama n'uma linguagem que não lhe tinhamos ainda ouvido; barbara e rude, como são barbaras e rudes a doutrina que préga, e as maneiras e os gestos do prégador; barbara e rude como são as do odio e da vingança e como o são tambem processos que «cheiram a Adonirão» ás leguas, e que *de ha annos para cá* se trata com tamanho empenho de estender

pelo paiz, quanto era o cuidado com que *de ha annos para lá* se procurava reprimil-os, talvez tambem com o auxilio do mesmo senhor...

Com o nome de *immaculatismo,* plagiado a um certo Sines de triste memoria, trata o snr. Herculano de fazer com que negue o snr. Fontana como elle nega e como negam os adoniramitas, a Immaculada Conceição de Maria Santissima, Virgem Mãe de Deus; e com o nome de *infallibilismo* procura indispôr o mesmo senhor como elle está indisposto, e com elle «a corja maçonica» dos cavalleiros do punhal, contra a infallibilidade doutrinal do Papa; e movido pelo desejo de perverter completamente a alma do ingenuo discipulo, que n'elle se confiou, não ha mentira que deixe de repetir, calumnia que não insinue, insolencia que não profira, blasphemia que deixe a empachal-o, misturando tudo com esgares e caretas, como faria um urso se quizesse figurar de macaco.

Aqui devemos notar que a maçonaria, negando a Conceição Immaculada, é logica e consequente n'isso, e que não é nenhuma das duas cousas «o sabio e festejado escriptor de Val de Lobos.» A maçonaria affirma que não houve peccado original, ao passo que o serodio contraditor do mysterio, reconhece como verdade incontestavel a quéda dos nossos primeiros paes, e com ella a nodoa da alma, e a escravisação de toda a raça humana a Satanaz. Por isso aquella, negando a grande catastrophe do paraizo terreal, não poderia sem contradicção admittir a Conceição Immaculada. Immaculada de que? De uma nodoa que ella entende não existir? a isenção de uma escravidão, que pretende não ser verdadeira?!

Assim, a maçonaria, pois nega o peccado original, deve tambem negar com effeito a Conceição Immaculada, como nega a Redempção do genero humano por Jesu-Christo, a fundação da Igreja

por elle, e a infallibilidade do Papa. A quéda de Adão e Eva e o peccado original; a encarnação e nascimento do Verbo Divino, e a sua Paixão e Morte são meros symbolos da passagem do Sol pelo Zodiaco, segundo lh'o ensinou

«Dupuys, o mais velho dos maus corypheus...»

Mas, ainda mesmo reconhecendo, como reconhecemos, ser a sua doutrina de todo o ponto falsa, blasphema e sacrilega, não podemos sem injustiça negar-lhe o merito de logica.

Não o é por isso mesmo a do snr. A. Herculano. Sendo igualmente falsa, igualmente blasphema, igualmente sacrilega, ainda lhe accresce o ser contraditoria, absurda e illogica. Reconhece com a Igreja Catholica, e com todas as seitas christãs, a quéda do primeiro homem e todas as suas funestas consequencias. D'ahi provêm não só a necessidade da Redempção,

mas a existencia do Redemptor que havia de leval-a a effeito: mas ao mesmo tempo nega a Conceição Immaculada de Maria, cuja carne e cujo sangue haviam de ser a carne e o sangue do Verbo feito homem para conduzir a termo essa mesma Redempção. Isto posto, se Maria Santissima não fosse concebida em graça, teria estado um tempo, mais ou menos longo, escrava da serpente cuja cabeça o seu pé havia d'esmagar, e a Segunda Pessoa da Santissima Trindade teria vindo tomar uma carne e um sangue já manchados pela marca da servidão a Satanaz.

A que miserias deploraveis não póde o orgulho arrastar qualquer homem que presuma de si muito, e que, sendo anão, se repute gigante porque uma turba de anões como elle se lhe pozeram adiante, de joelhos, para serem ainda mais anões!!

Limitamo-nos a esta ligeira e breve ponderação. Não queremos permittir que a indignação, aliás legitima, nos ponha

no tinteiro palavras que se pareçam por qualquer modo com as que escreveu este senhor que ainda se chama *catholico* a fim de fazer conhecer bem a todos a extensão da sua apostasia, assim como se chamava *portuguez* Christovão de Moura para que a sua traição fosse a todos manifesta, e ninguem podesse negal-a.

Ou muito nos enganamos, ou fizemos conhecer a insensatez da opinião anti-*immaculatista;* mas apesar d'isso não queremos prescindir do dever de considerar os principaes motivos com que uns taes fanaticos de impiedade procuram fazer crer aos ignorantes e aos idiotas que a verdade está n'elles.

«Com assombro da gente illustrada e sincera (diz elle) vimos transformar em dogma uma superstição dos seculos de trevas, *rendoso mealheiro de franciscanos,* tinctura de pelagianismo, aproveitada hoje para aviar receitas na botica de S. Ignacio, *a Immaculada Conceição de Ma-*

ria, dogma que forçadamente conduz á ruina do christianismo pela base, tornando inconcebivel a Redempção, ou á deificação da mulher, á mulher-deus, á mulher redemptora, *recurso tremendo nas mãos do jesuitismo,* que, lisonjeando a paixão mais energica do sexo fragil, a vaidade, o converte em instrumento seu para dilacerar e corromper a familia, e pela familia a sociedade (p. 264.)»

Desentendamo-nos do entono dogmatico d'estas occas affirmações, não só por ser assim que fallam os sectarios, que, todos sem excepção, repetem como papagaios as lições dos *mestres,* mas tambem pela impossibilidade que denuncía de adduzir provas, a não serem puramente mentidas ou contraproducentes; e sem provas não valem dois caracoes as suas affirmações. Contemplemos a sem ceremonia modestissima com que se condecora a si e aos seus, alcunhando-se de *gente illustrada e sincera.* É mais que

muito *illustrada* a pessoa que imputa *aos franciscanos* a invenção do que se chama «uma superstição dos seculos de trevas.» Não saberia porventura que esta doutrina já se ensinava no Oriente uns 600 annos antes de S. Francisco ter nascido em Assis, e no Occidente uns 400 annos antes? Não saberia que ha monumentos da Igreja grega mostrando que a Conceição da Virgem era já então festejada? Não saberia que a expressão *seculos de trevas* não tem applicação ao Oriente? Não saberia que esta crença era tão geral e popular que o proprio Mahomet houve de render-lhe homenagem, pondo na bocca dos Anjos que se dirigiam a Maria: «Escolheu-te Deus, elle te escolheu entre todas as mulheres, *e te isentou de toda a mancha?!*» Ah! franciscanos, franciscanos, que, seculos antes d'existirdes, já excitaveis o ciume do snr. A. Herculano, guarda vigilante, qual dragão das Hesperides, do seu querido mealheiro!

A *sinceridade,* ninguem póde pôr-lh'a em duvida. Está visto, não sabia; pois se soubesse, teria querido mui deliberadamente enganar o seu *amigo,* e cremos que tambem *editor* dos *Opusculos?* E por ser tão *sincero,* devemos crel-o quando confessa que para esta *exhumação* dos cadaveres dos seus escriptos attendera muito á receita que podia entrar no seu mealheiro; e isto explica-nos este odio posthumo aos frades.

«........homens inuteis na terra
(mas é porque d'estes mais *teme* a guerra).»

Mal comparado (nem queremos fazer comparações, que são odiosas) faz lembrar um Terra Nova, que, por muito festeiro e brincalhão que seja, arrepia-se todo e rosna se o mais festejado companheiro lhe roça pelo prato da comida.

Não estamos vendo que, depois de confessar-se possuido pelo orgulho e a vai-

dade, «duas especies de um genero unico de fraquezas...: manifestações diversas de uma só miseria do coração humano,» encrespa-se, arrepia o pello e arremette só á lembrança de que «o sexo fragil» lhe dispute a posse da vaidade, a paixão mais energica «do sexo fragil», elle que aliás pertence ao sexo forte!?

São muitas as provas que o snr. Herculano tem dado de sua mui descommunal sciencia. Dão testimunho d'ella tanto a sua chamada *Historia de Portugal* (que não passou do 4.º tomo) como esta carta ao seu amigo. Álli adevinhou o que ninguem vira, e negou o que se mettia pelos olhos; aqui occultou o que todos viram, e negou o que era conhecido. Mas quanto a nós, na carta levou a palma a todos os escriptores da sua escola, pois com uma pennada de tinta desembaraçou-se de todos os contraditores. Incommodavam-n'o Prudencio, S. João Chrisostomo, S. Ambrozio, e S. Agostinho, Tertullia-

no, S. Ireneu de Lyon, e S. Justino, Origenes, etc... e eil-o que levanta a voz e brada: eram «seculos de trevas» esses. Ó sabio presidente da republica das lettras, mas se o eram para isto, eram-n'o para muitas doutrinas que vós pareceis acatar. Ou não sois *sincero* n'aquelle acatamento, ou não o sois n'este desdem. Queriamos fazer-nos desentendidos, mas não podémos, d'este ardil de rapaz que tenta fugir d'uma difficuldade sem vêr que se espeta n'outra maior.

E que pensaremos do entono com que diz ser o dogma da Immaculada Conceição, uma «tintura de pelagianismo, que forçadamente conduz á ruina do christianismo pela base, tornando inconcebivel a Redempção?» Que o mealheiro tomou-lhe todas as attenções.

Tintura de pelagianismo! Mas os pelagianos, ensinavam, como hoje os *pedreiros* livres ensinam, que não tinha havido peccado original; e o dogma em questão

affirma a existencia d'elle pela força d'esta singularissima excepção. Devia não ignorar o snr. Herculano que toda a excepção confirma necessariamente a regra. A Mãe de Deus foi uma e singular excepção da lei geral, que era o effeito do peccado original. É pois constante que essa lei existe. Assim raciocina o bom senso: mas vá-se pedir bom senso á soberba e á vaidade!

Torna inconcebivel a Redempção. É o contrario. O que tornaria inconcebivel a Redempção é que o Redemptor-Deus tivesse tomado a carne e o sangue da nossa humanidade do sangue e da carne de uma virgem que por muito ou pouco tempo fôra escrava de Satanaz. Assim o pensavam os *sabios* dos albigenses, quando em suas disputas diziam: «Adão foi formado de um barro puro e não manchado; assim, aquelle que viesse resgatar o genero humano, deveria similhantemente nascer de uma virgem pura e não manchada; mas

a Virgem, que é chamada Mãe de Deus, tendo sido manchada pelo peccado original, consequentemente o Filho que d'ella nasceu, não é o que devia resgatar o mundo;» e S. Domingos, aquelle que o turbulentissimo snr. Herculano alcunhou de «turbulento conego,» respondia a este raciocinio: «Jesus nasceu d'uma Virgem immaculada.» Assim fazia-lhes concebivel a Redempção, e muitos se convertiam; ao contrario do snr. A. Herculano, que vai por sua negação metter-se no lodaçal da heresia dos pelagianos e albigenses.

A mulher-deus, *a mulher redemptora.* É o palavrão forçado do calvinista e do jansenista, que ha mais de 300 annos desabafam o seu odio á *Mãe de Deus*, ostentando-se zelosos defensores da honra de Deus; soberbos almotacés dos direitos varonis, e desdenhosos contemptadores das inferioridades femininas... O nosso grande escriptor está reduzido a apanhar na sua alcofa estes trapos desbotados para

ornamentar a sua purpura theocratica. Bom proveito lhe faça.

Ha mais de 14 seculos que no Concilio d'Epheso, 3.º ecumenico, foi solemnemente declarada e proclamada *Mãe de Deus* a Santissima Virgem, o que era o mesmo que associal-a expressamente á obra da Redempção, que, sem ella, não poderia fazer-se. Maria foi Ajudanta de Deus n'esta obra sem egual; bem e devidamente é, pois, chamada Co-redemptora, sem que por isso a Igreja a faça sahir do papel attribuido por Deus á mulher, de ser ajudanta do homem. Se esse papel subiu n'ella a uma grandeza infinita em certo modo, é porque o Homem a quem ajudou a redimir-nos, Deus simultaneamente, a elevou pela sua escolha acima de todas as creaturas, incluindo os mesmos Anjos. Mulher *cheia* de graça, Coredemptora do genero humano, *Mãe de Deus,* Mulher divinal, mas não Deus. Aqui começa a calumnia dò escriptor.

São passados mais de quatorze seculos depois do Concilio d'Epheso, e mulher nenhuma houve ainda a quem se mettesse em cabeça que era Deus, ou que poderia vir a sêl-o, por causa da definição do Concilio, nem da crença já generalisada mais de um seculo antes (em 253), da qual Origenes dava testimunho dizendo que Maria era «Mãe Immaculada d'um Filho Santo e Immaculado, um thesouro do Céo» contendo «as riquezas da Divindade, a santidade mais perfeita e mais completa.» Já nos lembrou se o snr. Herculano virá dizer que Origenes e os padres d'Epheso eram franciscanos, ou jesuitas disfarçados; e estamos com medo de que nos traga ahi uma sacola de documentos para *proval-o.*

São passados mais de onze seculos, depois que S. Germano, patriarcha de Constantinopla disse: «Não ha nada mais digno de veneração que a Conceição da Virgem Maria, que é Mãe de Deus, refugio

de todos os christãos, *e a primeira reparação da primeira quéda de nossos primeiros paes;*» e não nos consta que mulher nenhuma, apesar da vaidade que a ciosa vista do snr. Herculano lobriga aninhada no coração de todo o «sexo fragil», se lembrasse de suppor-se destinada a ser tambem Redemptora do genero humano, Mulher-Deus. Vá contar essas pataratas aos moços do seu lagar, mas faça-o quando estiver só por só com elles. Saiba ao menos respeitar-se, já que nos julga e aos seus leitores indignos de respeito.

Dissemos acima que nenhuma mulher se tinha lembrado de suppor-se Deus-Mulher. Se se attender a que accrescentamos, por causa do Concilio d'Epheso, e do *immaculatismo,* consequencia logica da difinição conciliar, não discrepamos n'um apice da verdade. Comtudo, quando se discute com certos caracteres, é necessario ter muito cuidado no que se escreve. Por esse motivo vimos aqui a reco-

nhecer que houve com effeito mulher, que a si se attribuiu, ou a quem os seus embaucadores attribuiram a divindade; mas apressamo-nos a ajuntar desde já que não pertenciam ella nem elles ao numero dos que reconhecem o exclusivo direito da Igreja a ensinar, seguem os seus ensinos, obedecem aos seus preceitos, e acatam as suas decisões: eram sectarios que arremettiam ao Papa, e julgavam-se com o direito d'ensinar a Igreja, e até de a reprehender quando não modelava as suas lições, e o seu procedimento pelas regras que lhe estabeleciam.

N'este caso é bom que o snr. *primeiro historiador de Portugal* não tivesse nascido mulher. Quem aturaria a sua vaidade? Não se contentava de certo com menos que *Madre eterna,* lembrando-se de que já tinha havido uma *Paracleta*, e não se achar com inclinações para *redemptora!*

A isto se reduz o que de mais forte achou o epistolante contra o *immaculatis-*

mo nos arsenaes da sua sciencia doutrinal e historica. Cremos que não lhe ficára alli mais nada, visto que todas as outras armas que emprega, são pedras e lama, que joga com admiravel pericia, mas que por ser imbelle o braço que as projecta, não chegam aonde quereria que ferissem. Assim é que chama, aqui e alli, «erro, apenas tolerado, ainda que mal tolerado, nos dominios do opinativo,» a este dogma, sem se atrever a tentar ao menos uma demonstração, por pequena que fosse, de que tinha a inspiral-o alguma cousa mais do que o seu orgulho, para assim qualificar aquillo que a «infame canalha» lhe ensinou a detestar e lhe mandou que blasphemasse.

No capitulo seguinte diremos alguma cousa ácerca do «*infallibilismo*», outro dogma que lhe subiu á cabeça, e o fez entornar tanta bilis pela carta ao snr. Fontana, que mui por alto podémos lêr, e da qual tomamos raras notas.

II

A infallibilidade do Papa e as chocarrices do snr. Herculano

Antiguidade da infallibilidade pontificia na Igreja. —O snr. Herculano attribue sua invenção aos jesuitas, que ainda não existiam! — Tricas d'este senhor para negar a ecumenicidade do Concilio Vaticano.—Estudam-se varios Concilios.—Phrase chula contra os bispos *in partibus*.

> ... é innegavel que qualquer pedreiro
> tem menos vergonha que um velho rafeiro;
> zurzidos mil vezes, mil vezes batidos
> á voz da Justiça jámais dão ouvidos;
> dos reis e dos povos jurados contrarios
> são elles em pezo, e os seus vãos sectarios
> uns certos que encontro pregando por fóra
> que o rei é serpente que os povos devora.
>
> Os Pedreiros, Satyra.

Trata-se do *infallibilismo*. Assim chama por escarneo a seita maçonica ao do-

gma da Infallibilidade; e o snr. A. Herculano, usando do mesmo vocabulario, assim lhe chama tambem.

Contra a infallibilidade levantaram celeuma infernal as duas principaes escolas revolucionarias, aquella que reconhece por seu patriarcha o marquez de Pombal, e aquella cuja é chefe Mazzini, que, posto pareçam differentes, e até rivaes, não deixam por isso de ser dois braços que brotam da mesma raiz—o odio de toda a auctoridade. Uma mira á escravidão do povo, servindo-lhe de instrumento o poder do rei que exaggera até á tyrannia; a outra dirige-se á destruição da realeza, servindo-lhe de instrumento a populaça, a que chama povo, e cujas más paixões adula e excita. E, como se podia prever, é identica a linguagem de ambas, quando arremetem contra a Igreja, que tem a gloria de merecer-lhes os odios communs, por ser ella só que protege efficazmente reis e povos, ensinando a todos os seus deveres.

Por isso o auctor da carta ao snr. Fontana, suppondo real ou ardilosamente ser a Infallibilidade uma invenção dos jesuitas, diz:

«Depois, ludibrio d'esses homens de trevas, vêmos o Papa, celebrando uma especie de *concilio disperso*, mandar perguntar pelas portas dos bispos que tal acham aquelle appendiculo á fé catholica. Os bispos, pela maior parte, encolhem os hombros, ou riem-se, dizem-lhe que está vistoso, e vão jantar. Ao *concilio vagabundo* segue-se então o concilio parado... Ajuntam-se não sei quantos bispos (só uns 700), muitos bispos; uns *reaes,* outros *pintados;* agremiam-se, e o papa pergunta ao gremio, em vez de o perguntar a si mesmo, se é infallivel. Os bispos tornam a encolher os hombros ou a rir-se, dizem que sim, e vão cear. O Papa infallivel, que não sabia se era fallivel, fica-se emfim descançado, e os bispos ceiados, dormidos e desappressados do *Visum est Spiri-*

tui Sancto et nobis do concilio apostolico de Jerusalem, transferido definitivamente para a casa professa, voltam a annunciar aos respectivos rebanhos essa nova correcção das erroneas doutrinas da primitiva Igreja (Pag. 264, 265).»

Eis aqui tudo o que a intelligencia e o estudo do snr. Alexandre Herculano achou de mais concludente para vociferar contra a infallibilidade papal, e doestar o Papa. Debalde se procurarão n'este longo tracto argumentos de doutrina e de historia, razões de incongruencia, motivos de previsão ou de conveniencia ecclesiastica, ou social, que devessem retardar a definição: elle afastou tudo isso com escrupuloso cuidado para bem longe, e só quiz servir-se de chocarrices e de improperios. Este senhor que se inclue na conta dos homens «de fé perseverante, mas silenciosa e triste,» emprega a linguagem do insulto soez; fallando do Papa, trata-o de nescio, e fallando dos

bispos, de folgazões e epicureos: de modo que a maior prova de affecto e respeito que um homem possa dar v. g. a seu pae é dizer d'elle que não tem senso commum, ou que passa a vida entre as temulentas ceias, e o somno da digestão.

As chocarrices offendem mais quem as escreve do que as pessoas contra quem se escreveram; mas como entre estes bispos vêmos um dos que *ceiaram,* observaremos que foi *opipara* a *ceia* que prepararam os fedistas do snr. A. Herculano, e da qual obrigaram a tomar sua parte ao snr. arcebispo de Paris...

Napoleão III e os seus ministros professavam as doutrinas gallicanas tão do agrado d'este senhor, que perde toda a compostura apenas ouve fallar em doutrinas romanas. Estes sabios mestres da Igreja que tomaram sobre si gratuitamente a empreza de salval-a contra sua propria vontade, não souberam salvar-se a si; desfraldaram aos ventos a bandeira tricolor da

civilisação, mandaram tocar a Marselheza, o hymno do *progresso,* e da salvação universal; mas em vez de conquistarem a Allemanha, destruiram o imperio, rasgaram a França fazendo-lhe perder duas provincias e pagar cinco mil milhões de contribuição de guerra!... *A bom entendedor meia palavra basta.*

Deixando porém de parte as chocarrices, no numero das quaes o *concilio disperso* ou *ajuntamento espalhado,* tão consanguinea do conceito poetico de outro que tal, que dizia

> ...... «Era noite, e o sol raiava
> por entre as trevas do futuro dia;»

examinaremos algumas asserções que por entre os matagaes d'insultos apparecem aqui ou alli para patentear o genio creador do correspondente do snr. Fontana.

1.º que o Papa mandára consultar os bispos ácerca da infallibilidade antes de

reunir o concilio; e que estes, tratando o caso de resto, responderam a sabor do que elle queria;

2.º que fazendo isto, quer antes quer depois do concilio, atraiçoaram o *Visum est* etc. do concilio apostolico de Jerusalem, e entregaram aos jesuitas o governo da Igreja;

3.º que esta doutrina da infallibilidade era completamente desconhecida nos tempos da primitiva Igreja, que sempre ensinou outra mui diversa—uma invenção dos jesuitas.

Se o Papa tivesse mandado consultar os bispos a respeito da infallibilidade para saber qual era a crença e o ensino das suas dioceses, assim como sobre a opportunidade, ou inconveniencia da sua definição, ninguem, a não ser o snr. A. Herculano, se atreveria a censurar o que a mais vulgar prudencia humana aconselha em todos os assumptos importantes da vida. E na especie vertente, assim fi-

zeram S. Pedro e os Apostolos, antes do concilio de Jerusalem, e durante elle, ouvindo S. Paulo e S. Barnabé sobre se seria mais doutrinal e mais conveniente libertar os gentios convertidos ao christianismo, das prescripções da lei moysaica, a que os judeus christãos queriam que estivessem obrigados.

Parece-nos inutil acrescentar que o snr. Herculano qualifica de displicencia dos bispos a circumstancia, por elle supposta, de nenhum ter respondido que a doutrina da infallibilidade não fosse geralmente seguida nas suas dioceses, e conforme á tradição da Igreja. Se tivessem dito o contrario, embora faltassem á verdade, então sim, diria que tinham olhado para o assumpto com attenção, e cantaria os louvores dos bispos.

Mas, dizendo nós o que deixamos escripto, não podemos deixar de acrescentar que a supposta consulta não existiu a não ser n'algum pezadello d'este senhor,

lembrando-se da consulta de 2 de fevereiro de 1849 ácerca da crença da Immaculada Conceição, que poeticamente passou para este caso; ou o fizesse por desattenção, ou porque assim conviesse melhor ao seu prurido de doestar.

Se a consulta fosse uma realidade, como foi um sonho, não auctorisaria nenhum homem no uso de suas faculdades mentaes, a dizer que se fizera com ella uma traição ao *Visum est;* e menos póde ser licito, já não dizemos a um catholico, mas nem sequer a um homem de boa criação, applicar esse qualificado á decisão do concilio do Vaticano. Deus não constituiu no snr. Herculano o criterio soberano e contraste absoluto das decisões conciliares, para poder qualificar de *traição* as que lhe desagradassem, e de orthodoxas aquellas que lisonjeassem os seus preconceitos e os seus desvarios, quer sinceros quer não.

Não póde um catholico dizer que a Igre-

ja rasgou a divina constituição que recebera da bocca de Deus, e formára uma outra pela qual retirou o seu governo das mãos d'aquelles a quem tinha sido confiado, para entregal-o a outras pessoas, jesuitas ou não; e quando o snr. A. Herculano o assevera falta scientemente á verdade para ter a triste complacencia de desabafar a sua atrabilis e declarar-se catholico.

A doutrina da infallibilidade não é uma novidade na Igreja. Não se discursava sobre ella, e os impugnadores só appareceram mais tarde, e timidamente; mas seguia-se e praticava-se em todo o orbe catholico. E o mesmo facto da impugnação quando se produziu entre os fulminados por ella, prova contra a asserção do auctor da carta, pois não se impugna se não o que existe anteriormente. A impugnação manifesta não a vêmos antes do concilio de Constança (1414-1418), e mais inquestionavelmente do de Basilêa

(1431-1443); e quer um quer outro concilio precederam de muitos annos ao estabelecimento dos jesuitas (1534-1540), que não podiam inventar o que estava sendo praticado muitos seculos antes. O snr. Herculano confundiu a defeza da doutrina por elles sustentada contra os ataques dos protestantes, com a creação della, o que todavia é mui differente.

A antiguidade d'esta doutrina é facil de conhecer, e maravilhar-nos-ia muito que a não conhecesse este senhor, se a «vida positiva que, hoje vive» o deixasse inclinar-se para o estudo. Assim, não por elle nem para elle, mas para os que realmente não podem estudar, invocaremos alguns testimunhos em abono do que deixamos asseverado da antiguidade d'esta doutrina.

Os bispos de Thyano e de Tarso escrevendo ao Papa Sergio III (904 a 911), diziam-lhe: «Já não poucas vezes a vossa cadeira apostolica bastou contra o joio

heretico de Alexandre, para destruir a mentira e abafar a impiedade, apenas estas sementes damnadas procuraram produzir-se *(Constant,* Ep. Rom. Pontif Ep. 4 n. 2, col. 1246).»

O concilio ecumenico de Calcedonia (451) recebeu como um decreto dogmatico, obrigatorio para elle, a carta do Papa S. Leão I a S. Flaviano a respeito da heresia de Eutiches.

Estes exemplos, um do seculo V, e outro do seculo X, provam de sobejo que nem é nova, nem fôra inventada pelos jesuitas a doutrina da infallibilidade.

Muitos outros poderiamos exhibir, e ainda mais antigos; mas para que, se o snr. Herculano só póde enganar a sinceridade do snr. Fontana, e d'aquelles que desejam ser enganados? Só faremos excepção a esta regra para citar umas palavras do Papa S. Agathão (morto em 682), que veem de molde para repellir a indecente chufa, pela qual este senhor

pretende que não tinham os proprios Papas consciencia da infallibilidade. Diz aquelle pontifice:

«... E é por seu soccorro (de S. Pedro) que esta Igreja Apostolica nunca se afastou do caminho de verdade para entrar em qualquer partido de erro. De todo o tempo a Igreja Catholica de Christo e os Synodos universaes teem fielmente abraçado a sua auctoridade e a teem seguido em todas as cousas por ser a do Principe de todos os apostolos... Pela graça de Deus omnipotente não se poderá nunca provar que esta Igreja se tenha desviado da senda da tradição apostolica, nem que ella tenha succumbido, corrompendo-se com o contacto das novidades hereticas; mas permanece immaculada até o fim, desde o principio da fé christã, fiel ao que recebeu de seus auctores, os principes dos apostolos de Christo; conforme a divina promessa do Senhor e Salvador quando fallou assim nos Santos Evangelhos ao

chefe dos seus discipulos: «*Simão, Simão, eis aqui que Satanaz pediu para vos passar pelo peneiro como se faz ao trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não falte; e quando estiveres convertido, confirma teus irmãos.*» Considerai, pois, como o Senhor e Salvador de todos, de quem procede a fé, tendo promettido que a fé de Pedro não faltaria, o encarregou de confirmar seus irmãos.»

Deixemol-o pois com a sua chalaça, que tambem n'este caso, e mais que em todos os outros, serve para esconder a nudez de razões, e a substituir uma risada insolente e desdenhosa por um argumento sisudo, que a paixão do orgulho não permitte formular. Se não fosse essa paixão, elle veria que, sendo a Igreja infallivel, não poderia errar; e que tendo pela decisão de um concilio ecumenico declarado solemnemente que o Papa é infallivel, mesmo fóra do concilio, quando falla *ex cathedrâ,* assim *Visum Spiritu San-*

cto et nobis; e como catholico submetter-se-ia, quaesquer que fossem os sentimentos que tivesse recebido por um ensino defeituoso, e os systemas que tivesse formado de si para comsigo por essa deficiencia.

Ajudal-o-ia a chegar a esse resultado a sua razão se não estivesse obscurecida, e com leve conhecimento da historia dos concilios ecumenicos, da natureza da Igreja e dos genesis dos dogmas em seu desenvolvimento historico e scientifico. Aquelle mostrar-lhe-ia que sendo infalliveis os concilios ecumenicos, e não sendo elles taes sem o Papa, por cujo orgão se manifestam as suas decisões; que não podendo estes conservar-se reunidos, nem suspensas as decisões, nos pontos de fé e de moral, por isso que tocam nas consciencias, e por ellas influem poderosamente na sociedade civil, era necessario que residisse na auctoridade que governa a Igreja e preside a ella, e a quem por

isso impende fazer essas decisões, sob pena de ser a Igreja de Christo uma monstruosidade no primeiro caso, e uma verdadeira anarchia no segundo. A historia dos concilios ecumenicos, ou elles fossem taes desde o seu começo, ou recebessem essa qualidade da accessão posterior do Papa, todos, quaes por um modo, quaes por outro, proclamavam essa infallibilidade, affirmavam-na, e como que faziam esperar a definição dos nossos dias á proporção que se tornavam mais audaciosas as tentativas dos sectarios a negal-a, e combatel-a. Este ensinar-lhe-ia que a Revelação divina que em sua plenitude reina na Igreja, não annulla a acção humana, e por ella reveste a fórma scientifica á proporção que é necessario tirar da Revelação uma das ideias concretas que respondem ás necessidades do tempo.

E nós não juraremos que a sua razão, e a leitura da historia dos concilios e um pouco de philosophia christã, lhe não dis-

sessem isto mesmo, ao vêrmos o empenho com que afasta da sua mente estas lembranças importunas, já negando, ao menos por insinuação, a ecumenicidade do concilio do Vaticano, já exaltando «a dos concilios de Constança e de Basilêa» (em quanto ecumenico, ajunta em nota); dos quaes affirma que foram «os dois ultimos concilios sinceros e livres que a historia ecclesiastica memora,» porque, segundo diz «n'essa epocha corria para a Igreja uma esperança de reforma, mas essa esperança desvaneceu-se em breve (pag. 261).»

E porque é que não teria sido ecumenico, nem sincero e livre o concilio do Vaticano? Guarda-se bem de o dizer; mas escreve o sufficiente para deixar suppôr com fundamento que *lhe retira* aquellas qualidades por ter dogmaticamente definido a infallibilidade do Papa, e por terem ao mesmo sido convocados com voto os bispos *in partibus,* aos quaes mui catho-

lica e decentemente chama *bispos pintados*. O primeiro motivo é commum ao snr. Herculano com os Arianos e Sabellianos a respeito do concilio de Nicêa, com os Nestorianos a respeito do concilio d'Epheso, com os Monothelitas a respeito do (3.º) concilio de Constantinopla, etc. Todos estes negavam a auctoridade d'aquelles concilios só por que tinham decretado resoluções contrarias aos seus erros, e preconceitos: e por isso não nos maravilha que faça o mesmo o snr. Herculano. Já não é tanto assim a respeito do segundo motivo, desde que o vimos reconhecer a qualidade d'ecumenico ao de Basilêa onde foram admittidos com voto simples sacerdotes, e até leigos casados. Que graça tem agora os seus escrupulos por causa dos bispos *in partibus!*

Se a sua paixão, e confessa «decadencia do espirito» lhe permittissem discutir, parece-nos poder asseverar que, aceitando a sua confissão de que tinha o

concilio de Basilêa perdido n'uma certa epocha a sua ecumenicidade, facilmente se poderia fazer sentir ao furioso controversista que não fôra este concilio *sincero* mesmo durante as intermittencias em que alguns lhe reconhecem ecuménicidade, e que nunca fôra *livre,* pois arrastava os grilhões das proprias e alheias paixões: e quanto ao de Constança, que tambem nem sempre fora ecumenico, nem livre. E a conclusão seria que o engodo do snr. A. Herculano por elles, e as qualidades com que os adorna, reconhecem sua origem no espirito de rebeldia, que, se póde até certo ponto ser desculpavel no de Constança pelas circumstancias em que se achou e mais a Europa, agitada pelo grande scisma, é de todo o ponto reprehensivel no de Basilêa, pois veio crear um novo scisma. Ainda póde haver outro motivo, que talvez influisse nas sympathias do snr. Herculano, e é que estes concilios fizeram uma innovação, o de recolher os

votos por nações, e não pelos bispos como até alli se fizera e com razão, por ser a elles e não ás nações que Christo estabeleceu juizes da fé e mestres da moral. Parece-nos isto, lembrando-nos que declamou ha annos furibundo contra o concilio de Trento por ter, como já tinha feito o de Florença, voltado ao voto por bispos.

Mas como este capitulo já vai bastante extenso, deixaremos para outro o mais que tinhamos a dizer; e concluiremos expondo rapidas considerações a respeito dos bispos *in partibus*. O snr. Herculano quer fazer crêr que elles foram chamados ao concilio, *apesar de não serem bispos verdadeiros,* por que se contava que a sua docilidade os levaria a approvar tudo. Se não fosse isto, seria inepta a accusação, embora dissimulada.

O que constitue o bispo é a unção santa, que lhe dá com o caracter episcopal o poder da ordem. Segue-se portanto

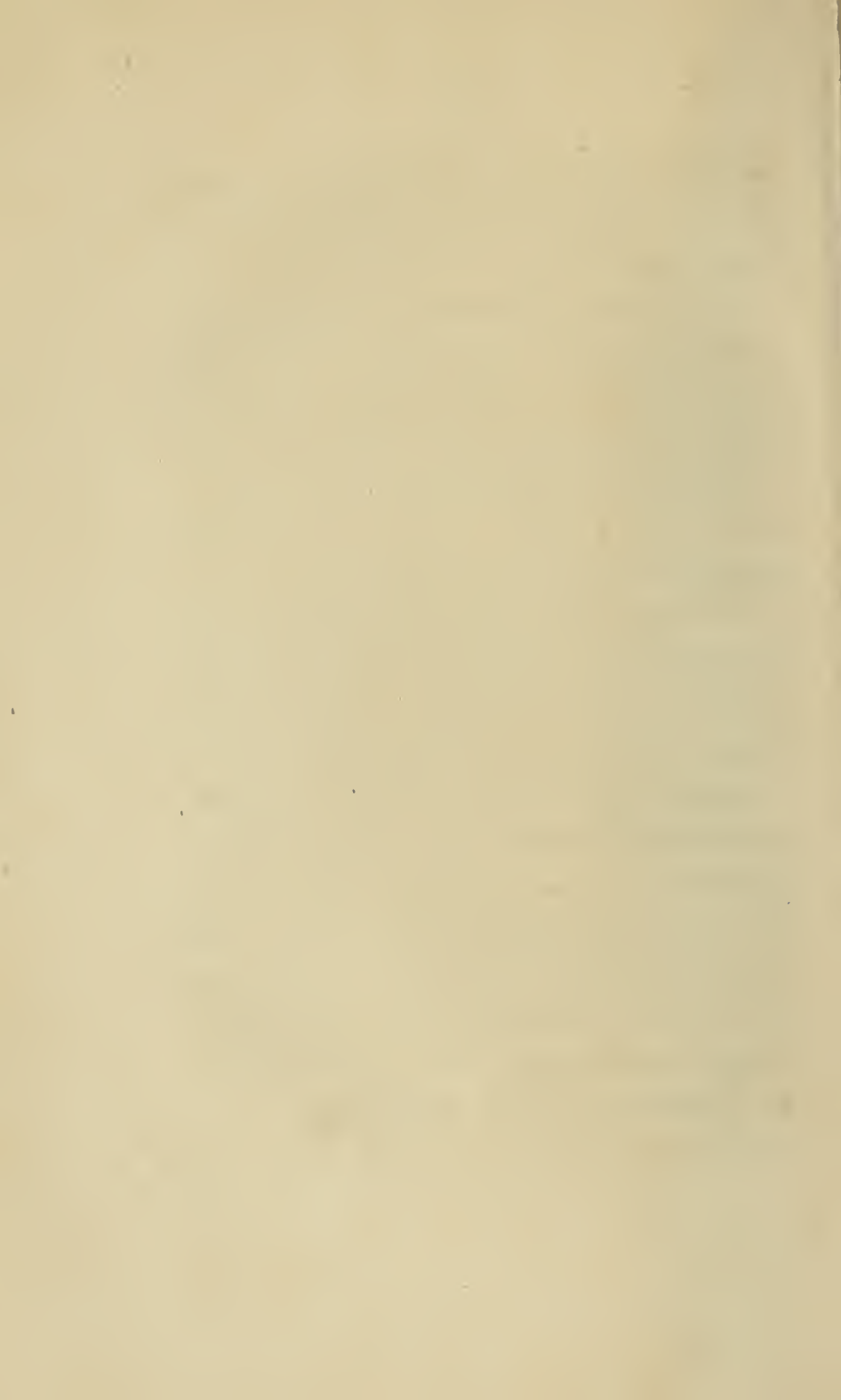
que disse uma verdadeira heresia em phrase chula chamando *bispos pintados* aos bispos *in partibus.*

E acresce que, sendo em sua grande maioria vigarios apostolicos, elles teem um rebanho que apascentam, e sobre o qual exercem jurisdicção effectiva e real.

Quanto á *condescendencia,* só lembraremos duas cousas, ambas as quaes desmentem a insinuação calumniosa:

1.ª O snr. Herculano disse que a *maior parte dos bispos diocesanos,* tinham-se mostrado favoraveis á decisão, o que tornava inutil a condescendencia dos outros.

2.ª A mais formal e violenta opposição á infallibilidade veio de um bispo *in partibus* na sua obra longamente estudada, e que não queremos qualificar—*Du concile génèral et de la Paix religieuse,* que se publicou muito antes do concilio; e não obstante lá se achou elle tambem por effeito de uma convocatoria.

III

Concilios e Papas

Continua-se o estudo sobre alguns concilios, relativamente á infallibilidade pontificia:—O de Constança, o de Basilêa, o de Florença.—Questão de Honorio e de Liberio.

> Sómente um poeta, que «odeie» qual eu
> o tolo, brejeiro, manhoso, ou sandeu
> poderá, de alto odio o fel vomitando,
> vingar a virtude, o crime insultando,
> punir essa turba que tanto se encobre
> e cuja toleima contínuo descobre....
> Outro me inflamma, saltemos-lhe ao lombo
> preguemos á sucia derradeiro tombo.
>
> Os PEDREIROS, Satyra.

Dissemos no capitulo antecedente que o snr. Herculano dava talvez as suas sympathias aos concilios de Constança e ao de Basilêa pelo espirito de rebeldia de

que estavam animados; e queremos agora mostrar que não fizemos um juizo temerario. Confessa que o segundo d'estes concilios, o de Basilêa, deixára de ser ecumenico passado um certo tempo; mas como não diz quando, podemos affirmar que foi desde que o Papa se separou d'elle, e o transferiu para Florença. Essa razão porém deu-se igualmente com o concilio de Constança, com a unica differença de que este não era ecumenico durante as suas primeiras sessões, e aquelle só o teria sido com intermittencias, desde as primeiras sessões, e que na XXVI (31 de julho 1437), tornou-se conciliabulo.

Quando se reuniu o concilio de Constança, a Igreja estava dividida por um scisma com tres Papas, dizendo-se todos tres legitimos, e tendo cada um na sua obediencia um numero maior ou menor de bispos e de fieis, que só queriam obedecer ao Papa legitimo, professavam a

fé catholica, e não entendiam professar outra. Assim, para que podesse chamar-se a esta assembléa concilio ecumenico era necessario que tivesse sido convocado em todas as tres obediencias, ou que todas adherissem a ella; mas a convocação foi feita só por João XXIII, e assim funccionou durante quatorze sessões: não tinha portanto a ecumenicidade, que só lhe adveio na XV sessão pela convocação de Gregorio XII. E comtudo não falta quem só lh'a rcconheça na XXIII (18 de junho de 1417) quando o Aragão se separou da obediencia de Bento XIII. Sem nos pronunciarmos pró ou contra esta opinião, damos por assentado, accommodando-nos ao modo de vêr da mesma reunião, que conveio em não ser legitima, solicitando, negociando e consentindo na convocação de Gregorio XII, como que de feito o não era. Temos pois que, pelo mesmo criterio do snr. Herculano faltava-lhe inquestionavelmente até á XIV sessão a ecumenicida-

de; e comtudo foi durante esse tempo, na v sessão, que fez o decreto, cujo alcance no sentir do snr. Herculano e dos seus correligionarios, collocando o concilio acima do Papa, negava-lhe implicitamente a infallibilidade, pois fazia-o descer de Monarcha da Igreja a seu mero chefe ministerial. Apesar d'isto não diremos que não era sincero, mas asseveramos que o seu decreto é nullo por ser acto d'uma assembléa particular, e incompetente para tomar deliberações que obrigassem toda a Igreja.

E não era uma assembléa livre em taes condições, porque a liberdade não lhe podia vir senão da qualidade que lhe faltava. Essa mesma sessão v basta a mostrar a pressão externa que o avexava em vista do protesto dos cardeaes, e dos embaixadores francezes na conferencia que precedeu a sessão publica.

O snr. A. Herculano ou não quiz lêr a historia d'este concilio por lhe parecer abaixo da sua descommunal sciencia, ou

deixou esquecer por assumptos mais de seu gosto o que tinha lido n'outros tempos, quando representava um papel differente do de hoje.

Essa liberdade adquiriu-a mais tarde com a ecumenicidade, e por isso na XL sessão resolveu, contrariamente ao que tinha decretado sem a menor sombra de auctoridade na V, confiar ao Papa que se ia eleger a reforma da Igreja; e na sua ultima sessão publicou o Papa Martinho V a Bulla *Inter cunctas,* na qual o Pontifice, *sacro approbante concilio,* ordena sejam interrogados os accusados de heresia sobre «se crêem que o Papa eleito canonicamente é o successor de S. Pedro, e que elle tem o soberano poder na Igreja de Deus»... Oh, como o snr. A. Herculano vai ficar danado, elle que sabe conhecer bem a importancia das palavras *soberano poder!* O seu querido concilio...

Passemos ao de Basilêa. Este com ef-

feito foi convocado legitimamente, e reunia todos os caracteres externos da ecumenicidade; faltavam-lhe porém os internos, e por isso póde-se com segurança dizer d'elle, que foi o typo da assembléa legislativa franceza de 1792; o Cardeal de Cusa na sua *Concordatio Catholica* tinha-lh'o exprobrado antes, quando disse que não se reunia em nome de Christo, que gera a união e o amor, quem só a desunião e o odio soubesse crear.

Convocado com todos os caracteres externos de ecumenicidade, como dissemos, perdeu-os logo na II sessão, pois declarou guerra ao Papa, e empregou para isso uma falsificação n'este primeiro acto de hostilidade; e proseguindo até á XVI sessão em que o mesmo Papa, aterrado pelas consequencias desastrosas de um novo scisma, lhe restituiu quanto humanamente podia fazel-o o caracter de ecumenico, mas sem comtudo approvar os seus actos durante aquelle intervallo...

Mas Deus que conhece os corações e viu que ruins paixões referviam na maioria d'aquella assembléa, não ratificou a Bulla *Dudum*. Os actos violentos continuaram, como até alli e mais audazes, e na XXVI sessão (31 de julho 1437) chegaram a verdadeiro paroxismo de insania. É talvez d'este dia que o snr. Herculano data a perda do seu caracter ecumenico. Será assim?

E aqui não esqueceremos que este escriptor tão desdenhoso para o concilio do Vaticano por que n'elle se reuniram *uns «quantos* bispos, muitos bispos, uns *reaes*, outros *pintados*», rende cultos ao de Basilêa, na primeira sessão do qual só estavam 32 bispos e prelados inferiores; na segunda 14; na quarta 20; na sexta 32; na decima 36; na decima setima 100, entre bispos e prelados inferiores (foi esta a mais numerosa de todas); e na vigesima quarta apenas se reuniram 23 de uns e de outros. Os vacuos d'este numeroso con-

ciliabulo eram preenchidos por simples padres e até por leigos casados, como já advertimos.

E não era nem podia ser livre, e tão pouco sincero. Que não era *livre,* mostra-o o modo como estava constituido. Que não era *sincero,* mostram-n'o os seguintes factos:

Na segunda sessão pretendeu rehabilitar os decretos, apesar de serem nullos, da quinta sessão da assembléa de Constança, por suppôr que estabeleciam incontestavelmente a supereminencia dos concilios sobre os Papas: e como o theor dos mesmos não o mostrava assás, empregou a falsificação, introduzindo especies que alli se não liam.

Não contente com isto repetiu a supposta rehabilitação e fraude em diversas outras occasiões, patenteando assim que não confiava nas antecedentes; e pedindo ao Papa a approvação d'ellas, com o que reconhecia por actos residir n'elle o mes-

mo soberano poder, que negava em palavras.

Ao mesmo tempo que negava a superioridade do Papa em todos os concilios, solicitava por todos os modos que póde suggerir o espirito de facção e de intriga que este lhe approvasse os decretos, contradicção que só por si prova a falta de sinceridade.

Mirando ao scisma desde a sua reunião, convidava o Papa e os Cardeaes para virem a Basilêa; e para que podia ser senão por ter o fim occulto de se apoderar d'elles, e levar d'este modo por diante, sem temor de nenhum obstaculo, o seu plano scismatico?

E finalmente fez quanto em si estava para obstar á reunião da Igreja Grega com a Latina; auctorisando as idades futuras a suppôr que muito concorreria este espectaculo para que a reunião feita no concilio ecumenico de Florença, tivesse ficado sem os resultados que havia direito

a esperar para a religião, para a civilisação e a sociedade de tão feliz accordo. E sendo assim, a elle se deve que se ache actualmente Constantinopla em poder dos turcos; e hoje em dia a Europa exposta a dous males, o qual maior.

E basta. De sobejo temos feito conhecer a sem razão do snr. A. Herculano em qualificar de sincero e livre este concilio, ainda mesmo nas onze sessões em que póde parecer exteriormente ecumenico aos olhos superficiaes. E de sobejo mostrado temos tambem que o *infallibilismo* sáe triumphante das provas, para as quaes intencionalmente foram invocados pelo escriptor ambos estes concilios. Sentimos porém, quer nos crêa quer não, termos sido obrigados a provar o que deixamos dito desde o principio, — que não é catholico senão pelo mesmo titulo com o qual ainda hoje se póde chamar a Christovão de Moura portuguez.

Todavia, não se dá por vencido este

campeão da anarchia religiosa. Ainda tem argumentos muito em reserva contra a infallibilidade. Se não póde mais dizer que o Papa não tinha a consciencia da sua infallibilidade pois que, entre muitos por onde escolher, citamos S. Agatão, cújas palavras mostram que ha pelo menos 1:200 annos já os Papas tinham a consciencia da infallibilidade que receberam de Deus na pessoa de S. Pedro; se os argumentos extrinsecos a que o snr. Herculano se soccorreu não conseguem provar a fallibilidade e pelo contrario, já negativa já affirmativamente abonam a Infallibilidade Papal, não póde ser mais feliz nos argumentos intrinsecos a que recorre agora, no seu desejo invencivel de mostrar que os Papas não são infalliveis, por que lhe parece ter encontrado dous, que erraram em pontos de doutrina catholica.

Mas erraram elles, ensinando, ou definindo, ou por outras palavras, fallando *ex cathedra* á Igreja? Pois se não erraram

assim, se apenas erraram como particulares, como homens, isso não serve de nada para mostrar que errassem como Papas, como Doutores Universaes; e com esses exemplos, nada tem conseguido apesar da inepta excepção declinatoria que julgou poder oppôr, dizendo que a distincção da *ex cathedra*... Mas em todo o caso comecemos por examinar esses exemplos, que devem de ser dignos d'exame, visto que os offerece com tamanho entono. São dous sómente:

1.º «O Papa Liberio adheria á formula ariana do conciliabulo de Sirmio e acceitava como orthodoxa a heresia (pag. 258).»

«O jesuitismo converte o infeliz Pio IX n'um Liberio ou *n'um Honorio,* induzindo-o a subscrever heresias, e a grande maioria dos bispos, creando na Igreja uma situação analoga á dos tempos em que o arianismo dominava por toda a parte, e abandonando a maxima sacrosanta da immutabilidade da fé, tornam-se em arautos

e pregoeiros dos desvarios de Roma (pag. 266).»

Já sabemos que os Papas a quem faltou a fé (no dizer do snr. Herculano que se investiu a si da infallibilidade para lh'a negar a elles), e que, contra a solemne garantia de Deus, em vez de confirmarem seus irmãos, os fizeram cahir no erro, foram Liberio e Honorio! Offerece alguma pontinha de prova, um bocado de Bulla, ou ao menos de Breve para mostrar que elles erraram? Nada: se o accusador é infallivel, basta-lhe dizer que erraram. Disse-o? Emmudeçam todos, ou entoem o *Magister dixit,* que é o mais que elle permitte aos seus discipulos. Mas nós que temos a honra de não pertencer ao numero d'elles: que o conhecemos ha muito como um homem amassado de «atros odios» e capaz de aventurar as asserções menos verdadeiras para deprimir os seus adversarios de hoje, ainda que fossem amigos de hontem, atrevemo-nos a replicar-

lhe que o facto de Liberio é falso, e o de Honorio pouco menos que falso; e notamos que d'este segundo só escreve o nome, o que parece indicar menor gravidade no *erro* que lhe attribue.

Comecemos por Liberio. O snr. Herculano affirma como facto adquirido á historia o que só fôra materia de controversia, e bastante renhida. A historia depois d'isto estabeleceu recentemente o contrario do que este senhor affirma; isto é, que S. Liberio não adheriu «á formula ariana do conciliabulo de Sirmio,» nem acceitou «como orthodoxa a heresia». Os criticos mais desfavoraveis á sua memoria limitam-se a dizer que elle, violentado pelos maus tratos, pelas agonias do desterro, e pelas suggestões de amigos mais ou menos perfidos, tinha subscripto uma das diversas formulas dos varios conciliabulos de Sirmio, a qual só se distinguia da profissão de fé catholica pela suppressão da palavra *consubstancial;* e ainda assim, á

força de se lhe ter feito crêr, no seu desterro, que por este meio chamaria mais facilmente os semi-arianos ao gremio da fé catholica.

Isto como se vê, é muito differente do que affirma o snr. Herculano. E' tão differente, que Bossuet, seguindo então o sentir d'aquelles criticos, não refuge a dizer que «todo o acto extorquido pela força aberta *(como este foi, a ser verdadeiro)* é nullo de pleno direito, e reclama contra si mesmo.» O que de certo não diria se o Papa tivesse realmente adherido á formula ariana de Sirmio, como aquelle senhor affirma com mais desejos de que assim tivesse sido, do que com a sciencia e consciencia do que escrevia com penna intemperante e pouco escrupulosa.

Os criticos favoraveis á memoria do Papa, negam essa subscripção; as suas razões são plausiveis e respondem cabalmente a todas as objecções. Uma d'ellas é que o povo romano de certo não rece-

beria com tamanho applauso, como recebeu, o Papa Liberio se elle tivesse acceitado a formula ariana de Sirmio; este povo que se afastava com horror da communhão de Felix, só porque elle communicava com aquelles que tinham recebido qualquer d'essas formulas. N'este caso a repulsão contra elle seria igual se porventura não maior á que Felix excitava.

E finalmente, uns e outros concordam em que, seja n'um caso seja n'outro, a questão da infallibilidade fica intacta, tanto porque Liberio não ensinou nada que não fosse a fé de Nicêa do mesmo modo antes que depois da quéda supposta ou verdadeira, como porque era um facto de mero procedimento particular, simillhante ao de S. Pedro deixando de praticar com os gentios para não escandalisar os judeus, ou o de S. Paulo circumcidando Thimotheo por igual motivo.

Quanto a Honorio, este não adheriu a nada. Na hypothese figurada, teria ape-

nas cahido no laço que lhe estenderam habeis monothelitas, fazendo-lhe crêr que as suas disputas com os catholicos assentavam unicamente sobre palavras, porque no essencial estavam todos conformes; e por esse motivo, para não alimentar disputas que azedavam os animos, conservou-se mudo quando era do seu dever fallar. Commetteu um erro por omissão, e não por commissão, e por isso não comprometteu a infallibilidade na minima cousa.

Fracos exemplos escolheu o snr Herculano. Muito embora os assoprasse, e assoprou bastante, para parecerem grandes, foram bolas de sabão, expedidas por um tubo de canniço ao sopro de um menino. Ignoramos se bombardeou e conquistou com ellas a intelligencia do snr. Fontana, mas asseguramos-lhe que não é gloriosa para si a victoria que tivesse alcançado n'este feito d'armas.

Um tanto mais graves teriam sido as

palavras que acabamos de copiar do erudito esquecidiço se se podésse tomar a sério o que diz quem está doente de «atrabilis.» Quem lhe deu auctoridade para qualificar de heresias as duas definições dogmaticas? A sua sciencia não; porque, ou ignorava o que temos referido n'este e nos antecedentes capitulos, e os seus conhecimentos estão abaixo de zero; ou sabia-o, e escondeu voluntariamente para enganar a simplicidade dos que se fiam nas suas palavras: a doblez d'este procedimento destroe-lhe toda a auctoridade, que aliás poderia ter, e condemna-o ao desdem de todos os homens conscienciosos.

Quem lhe deu poder para injuriar «a grande maioria dos bispos»? E aqui devemos corrigil-o, pois deveria dizer a quasi unanimidade dos bispos. Apenas uns cinco ou seis do oriente, onde a escravidão ottomana e as intrigas da Russia teem estabelecido o imperio das trevas, ousaram

resistir á decisão do concilio sobre a infallibilidade; e como por esse acto se constituiram em scisma, sauda-os da metropole de Val de Lobos este pequeno rival de Luthero. E nós perguntamos quem lhe deu o poder, sem nos lembrarmos que foi a mesma soberba arrogante e ridicula que lhe dictou o *Eu e o Clero!*...

Que estudos são os seus para achar analogia entre a situação actual e a do arianismo? Então eram os bispos cortezãos, que sacrificavam a doutrina aos caprichos de um Cesar, e para lisongeal-o combatiam, perseguiam, ou atraiçoavam o Chefe da Igreja; hoje são os bispos que abandonam os Cesares, ou se expõem ás suas perseguições, e arrostando perigos que muitos já previam; proclamam a doutrina em toda a sua integridade. Então concediam esses bispos, creaturas do imperador a este a *eternidade* que negavam a Jesus Christo; hoje proclamam estes bispos contra o querer dos imperantes a ver-

dade das palavras de Jesus Christo quando deu ao seu Vigario a infallibilidade doutrinal, que estes desejavam guardar para si.

E falla na immutabilidade da fé, nem mais nem menos que todos os hereges, em todos os tempos fallavam n'ella para desculparem a sua rebellião ás decisões dos Papas e dos concilios, que proclamavam a verdade sempre adorada e reconhecida desde o principio, dando-lhe uma formula que servisse a despedaçar os erros; ou desenvolviam uma verdade revelada d'aquella em que se achava contida, e a propunham de um modo concreto, para conter e reprimir o erro que se lhe oppunha audazmente? Comparou o snr. Herculano as duas definições com a doutrina, o ensino e a prática dos seculos? Não; do contrario não deixaria no esquecimento o que lhe tivesse mostrado contra ellas essa comparação. Pois devia fazel-o, por isso que tinha dito que «os

proprios restauradores de velhos erros (assim lhes chama a sua vaidade), agora convertidos em dogmas, fazem esforços desesperados para os filiarem nas tradições da Igreja.» Era do seu dever mostrar que ficaram nullos esses esforços, pois a tradição da Igreja repellia tal pretenção. Não o fez por prever que seriam inuteis as suas pesquizas? Fêl-o, e calou-se por vêr que ellas contrariavam o seu orgulho? Creia cada um o que quizer; mas n'uma ou n'outra supposição, o seu silencio condemna irremissivelmente esta carta.

O seu odio á Conceição Immaculada de Maria Santissima accusa a existencia do calvinismo mitigado no seu coração; e isso basta para explicar o descomposto da linguagem de que usa; mas o que manifesta contra a Infallibilidade Papal parece-nos que tem outra origem, e esta suppomos ser a seguinte: viu que a revolução politica do absolutismo na ordem tem-

poral nascera da revolução do protestantismo na ordem religiosa; e como vê na infallibilidade uma contrarevolução na ordem religiosa, teme que d'ella nasça uma contrarevolução, a da monarchia christã, na ordem politica. Sabe não haver nenhuma revolução religiosa que não contenha em si outra politica; assim como nenhuma revolução politica que não entranhe uma outra religiosa, e o Statolatra, que chama esta com todos os seus votos, perdeu a tramontana só á lembrança d'aquella.

Se n'este juizo que fazemos do seu criterio, suppondo-o agudo e perspicaz, o calumniamos, pedimos-lhe perdão.

IV

O Syllabus

A soberania do povo, direito de insurreição, liberdade de consciencia e liberdade de imprensa, dogmas da civilisação moderna? — Communosos, Serranistas e antigos ministros de D. Izabel 2.ª, inimigos todos do *Syllabus*, como o snr. Herculano.—Este adopta o expediente dos Arianos e de outros hereges.

> ... em nossos dias do Porto os traidores
> no anno de vinte fizeram primores
> enchendo as masmorras de mil desgraçados,
> que não tinham crime senão o de honrados.
> E elles sentados no augusto salão
> especando as bazes da Constituição...
> ás cabras «mandavam» tirar os chocalhos
> e elles ao Erario «tiravam» tassalhos.
>
> Os Pedreiros, Satyra.

Ergueu-se descomposta e atroadora gritaria do fundo das lojas maçonicas con-

tra o Syllabus. Choveram calumnias e affrontas sobre o Pontifice animoso que advertia as nações, e as convidava a fugirem do abysmo, aonde iriam despenhar-se arrastadas pelos erros que denunciava. Accusaram-n'o de espezinhar os direitos de homem, de negar a soberania da razão, de attentar contra as leis dos povos, de querer sepultar a sociedade no obscurantismo, e assoberbar os governos temporaes.

Contra o Syllabus tambem levanta irosos brados o auctor da carta ao snr. Fontana; e, cousa para notar, allega os mesmos motivos, carrêa as mesmas recriminações, não menos injuriosas, e só mais reflectidas, contra o Papa e o Syllabus em phraze tão furibunda, como a que ha vinte annos empregava para exprobrar a Portugal o ter cifrado a sua liberdade em substituir o absolutismo de um monarcha pelo absolutismo de *seis* ministros. Ouçamol-o dizendo entre contorsões:

«Depois, os que fallam em nome do Pontifice tendo tornado virtualmente absurdo, por inutil, o sacrificio do Golgotha para a redempção da humanidade, ou dando ao Christo um adjunto na sua obra divina, divertem-se em negar no Syllabus os dogmas, *um pouco mais verdadeiros, da civilisação moderna...*, convidam a sociedade temporal á guerra civil... Os principios da Carta, como os de todas as constituições analogas, são condemnados, anathematisados *in petto*. É a communa de Paris, prefigurada em Roma, a arrazar e queimar, em vez de edificios, todas as conquistas do progresso social, todas as verdades fundamentaes da philosophia politica (pag. 264, 265).»

Condensa este periodo todas as injurias e calumnias que no longo espaço de nove annos teem os pedreiros vomitado contra o Papa e a sua obra. Só se distingue d'ellas em ser escripto na linguagem fria e meditada do odio velho, recon-

centrado, e implacavel. O espirito é o mesmo, como se da mesma origem subterranea subisse a inspiração.

E que importam as calumnias e as injurias? Ha dezenove seculos que as ouve o vigario de Christo, como as ouvira dos judeus o proprio Christo, quaes por um pretexto, quaes por outro. O de hoje é serem as doutrinas do Syllabus anti-sociaes, serem o petroleo applicado ao coração e ao espirito. Não o são; e estas injurias do snr. Herculano cahem sobre elle com todo o seu pezo. Não impõe elle dogmaticamente *principios* falsos, doutrinas, que chama *dogmas da civilisação,* mas que em toda a parte só criam a tyrannia, e alastram a terra de cadaveres e de ruinas?...

E que dogmas são esses da civilisação, doutrinas do progresso que o Syllabus condemna *in petto?* Este vocabulo denuncía a calumnia. Onde estão essas doutrinas «um pouco *mais verdadeiras*» que a

Conceição e a Infallibilidade? Vamos passar em revista as principaes:

A *soberania do povo,* como origem de todo o poder, e de todo o direito. Este *dogma* chama-se hoje *democracia;* e o snr. Herculano rejeita-o, deprime-o, enlameia-o; e o que mais é a Carta, não o reconhece, e nem sequer o suppõe. E podiamos acrescentar, que é absurdo em si, que os seus effeitos são a dissolução social, ou o dominio da força bruta; o que, se por uma parte justifica a aversão do snr. Herculano, por outra parte condemna a que tem ao *Syllabus* por esse conceito.

O *direito de insurreição,* que outros chamam *dever.* O snr. Herculano, que não sabemos se o acceita hoje, detestava-o tanto ha 36 annos, que até a essa detestação devemos a proclamação lamennesiana, denominada *Voz do Propheta.* Arvore-se em dogma esse direito, ou estabeleça-se em preceito esse dever e será

necessario fugir logo para os bosques quem quizer viver com segurança, e sem estar á mercê dos patriotas d'Alcoy. A Carta não só não o reconhece nem como direito, nem como dever, mas até investe o governo de faculdades extraordinarias para o reprimir pela força.

A *liberdade de consciencia*. Na sua accepção obvia é uma negação. As consciencias estão livres de todo o poder temporal; mas na accepção em que a toma o snr. A. Herculano, isto é, manifestada exteriormente, chega a ser uma hediondez, que auctorisa todos os crimes. A historia dos paizes protestantes mostra-nos os crimes mais horrorosos e anti-naturaes, que não accusam outra origem [1].

A *liberdade de imprensa*. Póde publicar tudo o que lhe passar pela idéa o primeiro malvado. A Carta reconhece esta liberdade, mas põe-lhe logo taes limitações

[1] O parricidio de Orago Carvalhal, em Maceió (Brazil) teve origem na «liberdade de consciencia» d'este desgraçado.

que bem mostra que não quer considera-o um *dogma* da civilisação. E, o que ainda é mais notavel, o proprio snr. Herculano está muito longe de o reconhecer n'essa qualidade, pois se irrita contra elle e contra quem o segue, quando não seja para louvar os seus escriptos.

Se a liberdade de imprensa fosse um dogma verdadeiro, quem usasse d'ella faria um acto meritorio e usaria de um direito proprio; e como quem faz uma boa acção e usa de um direito a ninguem prejudica, as disposições penaes seriam uma contradicção, um abuso de poder. Quando muito só poderia ser obrigado o escriptor a indemnisar, por meio de processo civil, qualquer damno que no uso do seu direito causasse a alguem, como succede com todos os outros direitos e actos bons. Mas não é assim que a Carta considera a liberdade de imprensa. Nem tão pouco o nervoso escriptor, que quer se sujeitem as pastoraes dos bispos á censura do go-

verno antes de serem impressas! E verdade que o quer só por odio. Mas um dogma que admitte excepções póde ser tudo quanto se queira, menos dogma. E o que será o crente, que põe os dogmas debaixo dos pés quando assim lhe faz conta?

Receamos ser injustos com o correspondente do snr. Fontana, attribuindo-lhe o odio com que tanto honra o *Syllabus,* e o qualificarem-se n'elle de erros diversas doutrinas religiosas, sociaes e philosophicas, seguidas por este senhor, que por isso mesmo lhes chama «verdades fundamentaes da philosophia politica»; e receamol-o por estarmos conhecendo que nunca leu o Syllabus; ou se o leu, foi com tamanha desattenção que não pôde entendel-o. E se não, cite uma qualquer proposição do Syllabus, e a par d'ella o preceito da Carta, o dogma da civilisação moderna, que alli se contraría. Assim é que faz quem discute de boa fé, e não trata d'enganar. Venha a este campo, dei-

xe-se de objurgações que póde fazer sem custo o energumeno mais analphabeto. Deixe que vejamos um lampejo sequer de raciocinio, e cremos que não nos será difficil mostrar-lhe que não só o catholico, mas igualmente o philosopho e estadista, honrar-se-hão de prestar homenagem de respeito e de admiração ao Syllabus, e de confessar que são altamente christãs, politicas e philosophicas as suas deducções. Não leu; está visto que não leu. Se assim não fosse, a sua furiosa investida ao Syllabus não teria explicação rasoavel. Bastaria para lhe amansar os furores, como bastou para attrahir a gratidão de todos os corações nobres e generosos, a condemnação que fulmina á seguinte proposição:

«XXXIX. O estado, como origem e fonte de todos os direitos, gosa de um direito que não é circumscripto por nenhuns limites.»

Este erro que avilta a dignidade huma-

na, que espezinha a consciencia do homem, igualando-o a um vil instrumento, será um dos dogmas da civilisação moderna, um dos principios da Carta, uma das verdades fundamentaes da philosophia politica, negado pelo Syllabus? Será; mas sendo esta doutrina que gerou os horrorosos crimes da *grande* revolução, o fuzilamento dos refens, os incendios de Paris e por pouco a sua total subversão, os crimes de Alcoy, de Malaga, de Cadix, etc., só uma alma danada deixará de applaudir a sua condemnação.

Continuamos a transcrever:

«LVI. As leis moraes não carecem de sancção divina, e não é preciso que as leis humanas se conformem com o direito natural, e recebam de Deus a força obrigatoria.»

Dous perigos, derivam d'este erro, que não sabemos se será outro dos dogmas da civilisação, preconisada pelo snr. Herculano. Qualquer homem tem o direito de

fazer uma moral para seu uso, assim como assiste ao Estado, tendo este por limite unico a maior força de um Estado visinho, e aquelle a astucia de outro homem. A Convenção usava d'esse direito quando guilhotinava os filhos que não denunciavam seus paes realistas, e os paes que mandavam dinheiro a seus filhos emigrados. A força material fica sendo por este erro a razão unica da obediencia, e auctorisada a revolta quando a força esteja do lado dos desobedientes.

«LIX. O direito consiste no facto material, e todos os deveres dos homens são um nome vão, e todas as acções teem força de direito.»

«LX. A auctoridade não é outra cousa senão o compendio do numero das forças materiaes.»

«LXI. A injustiça de um facto bem succedido nenhum prejuizo causa á santidade do direito.»

«LIII. É licito recusar obediencia aos

principes legitimos e até rebellar-se contra elles.»

«LIV. A violação de um juramento, ainda o mais solemne, assim como qualquer acção atroz e criminosa que repugne á lei eterna, não sómente não deve ser desapprovada, mas é inteiramente licita, e deve ser muito elogiada quando se pratíca por amor da patria.»

Está aqui uma boa collecção de «dogmas um pouco mais verdadeiros da civilisação moderna...» Não é verdade snr. A. Herculano?

Mas duvidamos que os acceite para ser governado por elles. Para governar, de certo acceita.

Terão os successos d'Hespanha, realisados alguns mezes depois de escripta esta carta ao snr. Fontana, passado com aproveitamento por diante dos olhos do escriptor d'ella? Sendo assim, terá conhecido a ligação intima entre esses successos e as doutrinas que o Syllabus condemna,

quer seja na ordem religiosa e philosophica, quer na social e politica, e terá visto que são esses horrores a consequencia natural e logica das mesmas? Não nos atrevemos a esperal-o.

Com effeito, alli se professaram todos estes dogmas, no dominio da theoria, durante muitos annos. As escholas, a imprensa, o parlamento, as tertulias, arrojavam estes ensinos diariamente sobre a população juvenil, e a cada mudança de quadros na tragi-comedia liberal, as novas personagens em scena, alimentadas com doutrinas tão perversas, julgavam-se constituidas no dever de traduzil-as em leis e em actos, até que inteiramente entraram na prática em setembro de 1868. Desde então até hoje estão em pleno desenvolvimento, e dão fructos, que estamos vendo serem amargos, ressumarem sangue, e, como se fossem a tunica de Nesso, abrazarem as entranhas do paiz,

e causarem a morte de seus filhos em pavorosas fogueiras.

Qual é d'essas ruins e despoticas doutrinas que o Syllabus condemna, e que o snr. Herculano reputa salvadoras e preservadoras, que na Hespanha não fosse escrupulosamente praticada? Ainda nos não esqueceu que o snr. Carbonero, principal redactor da Revista catholica, *A Cruz,* foi preso em 1855, por ter alli publicado na sua Revista a Bulla da definição dogmatica da Immaculada Conceição sem estar placitada; e que apesar de absolvido pelos tribunaes, o governo conservou-o no carcere por alguns mezes. Estas e outras violencias em ordem a sustentar e defender as doutrinas stygmatisadas pelo Syllabus e d'acordo com ellas, *preservaram* a sociedade dos males que a estão assolando?

Teriam essas doutrinas «um pouco mais verdadeiras» que a Immaculada Conceição e a Infallibilidade, como affir-

ma o snr. Herculano, dado mais estabilidade ao poder, mais força á auctoridade, mais dignidade ao funccionalismo, mais bem-estar ás populações, mais liberdade ao povo? Não; fluctuando entre as revoltas sanguinolentas e as repressões implacaveis, o poder enfraqueceu-se, a auctoridade aniquilou-se, o funccionalismo perverteu-se, as populações emigram, ou morrem de fome, e a liberdade do povo consiste em optar entre a illuminação do petroleo, e a musica dos bombardeamentos. Os grandes tiram tassalhos ao erario, e a populaça rouba, mata, e queima. Digam lá agora que o snr. Herculano não é um liberal e um politico ás direitas!... Ou antes a soberba e o odio obscureceram a intelligencia que Deus lhe deu, e que ha 29 annos só lhe tem servido para o mal.

Mas ao menos lucrariam alguma cousa os homens que applicavam rigorosamente em favor d'essas doutrinas os ve-

xames regalistas contra a Igreja? Os que o faziam talvez mais ou menos de boa fé, viram alluir-se o throno, que cuidavam especar fazendo o que nos aconselha o snr. A. Herculano; e ha cinco annos choram com a sua Rainha no exilio o erro de terem combatido o Syllabus: os outros, que se fingiam grandes monarchistas, preparavam d'este modo e á socapa a expulsão da rainha para se engradecerem a si. Taes são os Serranos e seus collegas, que, depois de um curto periodo de ostentação, tiveram de procurar na fuga a salvação de suas vidas, e lá estão longe da patria [1] mendigando aos seus inimigos o meio de os atraiçoarem, e vingar-se.

Eis aqui o que a Hespanha lucrou de tel-os o seu governo seguido desde 1834 até 1868; de ter cultivado com disvelo, e protegido com empenho, os erros doutrinaes que o Syllabus colligiu, como

[1] Depois d'escripto este artigo voltaram de França e foram até dictadores: mas por quantos mezes?

advertencia salvadora, e que o snr. A. Herculano, sem consciencia, ou sem verdade, diz serem «conquistas do progresso social, e verdades fundamentaes da philosophia politica», e accusa a Igreja de atraiçoar a Christo porque as fulmina! Ainda mesmo abstrahindo das promessas divinas que asseguram o catholico de que o erro não terá a victoria sobre ella, e atendo-se só ao criterio humano, não seria prova de cordura e de sã razão preferir ás opiniões d'este senhor as doutrinas da Igreja, as mesmas sempre, assim antes «dos seculos de trevas» e durante elles, como depois até aos nossos dias, sem solução de continuidade: quando as opiniões d'este senhor teem variado tantas vezes quantas foram as evoluções politicas do governo do paiz e as idéas que por ellas e com ellas tomaram ascendencia e superioridade?

E se, não contentes com esta comparação, quizermos lançar os olhos pelos

vastos campos da historia, acharemos que as doutrinas da Igreja e o Syllabus, abonam-se na paz de muitos seculos, ao mesmo tempo que os erros contrarios só podem invocar os males das guerras mortiferas durante 84 annos, que tantos correm desde 1789. Não negaremos que durante aquelles seculos a paz foi algumas vezes e profundamente perturbada, mas se se examinar bem, achar-se-ha que essas perturbações, relativamente breves, reconheceram por causa as tentativas isoladas de espiritos inquietos para fazer prevalecer na prática pela força, algum ou alguns d'esses erros; e que ellas nem eram geraes quanto aos logares, nem quanto ás pessoas: e as mais das vezes a lucta não chegava á esphera dos espiritos. E de 1789 a esta parte não ha paiz que não esteja perturbado, animo que não se ache agitado, espirito que não esteja aterrado, e raros são e curtos os dias em que uma revolta, ou uma batalha, ou uma conjura-

ção não tenha enlutado a humanidade, ou paralysado as energias dos bons cidadãos.

Ora, se uma arvore boa não dá maus fructos, nem a arvore má os dá bons, é evidente pelos fructos de uma e outra das duas doutrinas, a do Syllabus e a do snr. Herculano, quanto é má a que este senhor protege.

Não sabemos se por um presentimento d'estas conclusões, se por outro motivo que nos não é desconhecido, quasi ao começar a sua carta escreveu:

«A situação da Igreja assemelha-se hoje áquella em que se achava no IV seculo, quando o arianismo, no dizer de S. Jeronymo, triumphava por toda a parte, e até o Papa Liberio adheria á formula ariana do conciliabulo de Sirmio, e acceitava como orthodoxa a heresia. Esta situação tristissima da Igreja é cousa um pouco mais grave para a religião do Estado do que todas as hostilidades imaginaveis dos seus adversarios leaes (Pag. 258).»

Quando lêmos isto lembrou-nos logo uma graciosa comediasinha intitulada: *Fallar a verdade mentindo,* tanto com ella se parece o periodo que vimos de copiar. Já mostramos no capitulo antecedente a falsidade da accusação ao Papa Liberio, que não adheriu a nenhuma formula heretica, nem acceitou portanto como orthodoxa a heresia; e quanto ao mais, diremos que não deixa de haver alguns pontos de similhança, mas que tambem ha enormes differenças. O papel do imperador Constancio de 352, e dos seus eunuchos, fel-o Napoleão em 1870, e fazem-n'o actualmente os governos da Prussia e da Baviera, Bismark e Hohenolohe com varios governos da Suissa; e em logar dos bispos arianos, ha padres ambiciosos e turbulentos, Doellinger, Jacinto, Reikens e outros velhos catholicos. E para que as similhanças e as differenças fiquem bem caracterisadas, notaremos que se então os varios matizes de arianos concordavam em

attribuir ao imperador a qualificação d'*eterno,* que negavam a N. S. Jesu-Christo, no dia de hoje os velhos catholicos de todas as camadas reconhecem ao poder civil a *infallibilidade,* que negam tivesse Christo conferido ao Papa na pessoa de S. Pedro.

Não deixou por isso de nos maravilhar que o snr. Herculano, cego pela sua paixão, não percebesse quanto este seu simile era contra-producente para a sua pretenção, assim n'este como n'outros pontos, que mui de proposito omittimos para não deixar nenhuma apparencia de personalidade a esta resposta; e nem que uma impetuosidade e leviandade indesculpavel invocassem contra o Syllabus esta recordação historica, que aliás tão favoravel é ao mesmo.

Mas o nosso espanto foi ainda maior, quando lêmos as seguintes linhas, tão fóra de proposito escriptas:

«O caracter fundamental do catholicis-

mo verdadeiro, do catholicismo que nos inculcaram na infancia, era a immutabilidade, a perpetuidade e a universalidade dos seus dogmas e das suas doutrinas na successão dos tempos, caracter precisamente descripto no celebre *Commonitorium* de Vicente de Lerins. N'essa crença, tão incomprehensivel seria a suppressão de um dogma antigo como a addição de um dogma novo, ou (para me servir da phrase de um theologo eminente do seculo xv) n'essa crença não se tinha por menor heresia affirmar ser de fé o que não o era, do que negar que o fosse o que o era (pag. 259).»

Pouco mais ou menos por este modo invectivavam os arianos contra a affirmação do concilio de Nicêa, e procuravam dar curso e auctoridade á sua revolta mais ou menos hypocrita. Por isso, quando vêmos o snr. Herculano adoptar-lhes o pensamento para se oppor á definição Papal do dogma da Immaculada Conceição,

e á Conciliar do dogma da Infallibilidade do Papa fallando *ex cathedra,* lembrou-nos perguntar-lhe se está convencido, sim ou não, de que os arianos tinham razão nas suas reclamações? Estando-o, comprehendemos a sua opposição desbocada, mas não se atreva mais a dizer que é catholico; não o estando, porém, como é que adopta a sua linguagem e argumentos, applicando aos dois casos occorrentes o que elles escreviam ou insinuavam contra a Divindade de Jesu-Christo?

Tambem elles fulminavam o *dogma novo,* tambem repelliam a *addição* da palavra *consubstancial,* servindo-se, conforme os tempos, as pessoas e as occasiões já da injuria e da calumnia, já do parallogismo grosseiro, nem mais nem menos do que faz o snr. A. Herculano. Este senhor limitou-se a repetir no seculo XIX tudo o que achou de mais sophistico, de mais grosseiro e de mais falso no que disseram todos os hereges desde os primeiros secu-

los, até ao seculo XVII. Triste similhança! ella envolve-o na mesma condemnação aos olhos de todos os catholicos, que não são velhos nem novos, mas sómente catholicos apostolicos romanos.

V

Plano heretico e scismatico

A Carta «maldita» convertida em...—O snr. Herculano offende a decencia e o bom senso.—O Cromwel hodierno. — Um sonho. — «Crentes illustrados». — Estão curados. — Preciosa confissão. — «Roupeta debaixo da cogúla» (gracinha *herculea*).

> Emfim alcançaram sua pretenção
> trazendo firmada o tal brejeirão
> «a carta maldita de insidias formada»
> qu'em março, qual burro já foi tosqueada:
> e agora c'um sopro no cisco volvida;
> irá á ponilha sustentar a vida
> e em casa do Marques, Esteves, Romão
> sómente irá têl-a algum franc-mação:
> Carta que em palavras mui doces e brandas
> trazia embrulhadas desgraças infandas.
>
> Os Pedreiros, Satyra.

Vamos assistir a uma transformação milagrosa: a Carta maldita e insidiosa,

passou a ser por obra e graça do snr. A. Herculano o Syllabus de Val de Lobos, e o que é muito mais, o criterio e contraste do catholicismo, para fazer conhecer qual é o genuino e qual é o adulterado; pois que para isso foi decretada em 1826, cremos que até com effeito retroactivo desde a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos. O que seria dos catholicos portuguezes se não fosse tão bom Senhor, que nos deu n'este Syllabus o meio seguro de nos afastarmos dos perigosos erros que, se não fosse a Carta, nos lançariam á caldeira de Pero Botelho?

«A Carta (diz o snr. A. Herculano) convertendo o catholicismo em instituição politica, adoptava-o como elle existia no paiz—essencia e fórma; dogma e disciplina. Disse o legislador que a religião catholica romana *continuaria* a ser a religião do reino: não disse que essa instituição seria uma cousa nova, fluctuante, mudavel, conforme aprouvesse aos jesui-

tas ir supprimindo ou annexando dogmas á doutrina catholica, mediante o assenso ou inconsciente ou incredulo do Papa ou do Episcopado. O que *continúa* não é o que vem de novo; é o que existe no acto de continuar. Ora os factos estão desmentindo esta doutrina irrefragavel (p. 263).»

N'estas palavras offendeu o snr. Herculano a historia, o bom senso, a doutrina e a decencia.

Quando se promulgou a Carta era ou não era o catholicismo uma instituição politica? Se era, ha um erro historico em dizer que a Carta o elevara ao que estava sendo: se não era, como combina esta sua asserção de hoje com o que em contrario diz na sua *Historia de Portugal,* e que todos os monumentos historicos abonam?

Irrefragavel chama este senhor á doutrina de que a Carta condemnou á petrificação a dogmatica do catholicismo, quando disse que elle *continuaria* a ser a religião do reino; e nós chamamos-lhe facéta

e galhofeira. Se por dizer a Carta no artigo 6.º que «a religião catholica apostolica romana *continuará* a ser a religião do reino,» se deve entender que ella não póde completar e desenvolver os seus dogmas, historica, doutrinal e scientificamente, porque o que *continúa* não é o que vem de novo, mas o que existe no acto de continuar; deve do mesmo modo entender-se o artigo 5.º que diz «*continúa* a dynastia reinante da Serenissima Casa de Bragança na pessoa da Snr.ª Princeza D. Maria da Gloria;» pois como «o que *continúa* não é o que vem de novo, é o que existe no acto de continuar, e aquella dynastia cessou de existir por morte d'aquella Princeza, e veio outra de novo na pessoa do Snr. D. Pedro quinto; segue-se..... um não senso, não é assim, snr. Herculano? Logo não senso é a tal doutrina. Se o verbo *converteu,* aqui tem a significação de *transformou,* o auctor dos *Opusculos* cahiu n'um erro de doutrina, ou seja sup-

pondo que possa o poder civil por um acto seu proprio methamorphosear a divina religião de Christo em instituição humana; ou seja que possa o poder civil investir-se a si mesmo da auctoridade de fazer leis para essa religião, que a façam mudar d'essencia, ou por qualquer modo alterem a sua economia.

Não, a Carta não converteu a religião catholica em instituição politica, nem na accepção mais benevola que démos ao principio a este verbo, nem na accepção mais rigorosa, em que vimos de mostrar que poderia ter sido empregada, e poderia ser por alguns recebida.

Offende a decencia, porque mui gratuitamente injuría o Papa e o Episcopado, suppondo-os ou insensatos, ou traidores á fé de Christo. E muito de proposito não nos fazemos cargo da blasphemia que se envolve n'estas palavras, negando a divindade do Salvador, ou então negando-lhe o poder de cumprir as suas pro-

messas: e a razão é por estarmos convencidos de que não pensou no que escreveu.

Dizemol-o sem animo de o affrontar, mas para constatar um facto, embora tire toda a importancia á carta dirigida ao snr. Fontana.

O snr. A. Herculano entende que os jesuitas fizeram definir os dogmas da Immaculada Conceição e da Infallibilidade; e chamando-lhe dogmas novos, rejeita-os. Assim mesmo rejeitaram os iconoclastas em 787 o dogma do culto das Santas Imagens, e tambem não pouparam injurias ao Papa e aos Bispos do 2.º concilio geral de Nicêa, como agora as não poupam os herculanos ao Papa e aos Bispos do concilio do Vaticano; só com a differença de que aquelles não imputavam esta definição aos jesuitas, talvez por não existirem n'esse tempo. Ainda mais, em 1274, no 2.º concilio geral de Lyon, definiram o Papa e os Bispos o dogma da Processão do Espirito Santo, e addicionaram

ao symbolo o *Filioque*, com grande escandalo dos phocianos, que se indemnisaram em injurias ao Papa e ao Episcopado por causa d'este *dogma novo,* e não consta que, em Portugal, se lhe pozesse veto, apesar de ser já então o catholicismo tambem uma instituição politica da monarchia portugueza. Será a Carta que auctorisa hoje a fazel-o?

Antes de dizer em que achamos desarrasoada a pretenção, parece-nos conveniente expôr o que julga este senhor necessario para que a mesma seja um facto efficaz.

«Compellir o clero official (diz elle) a respeitar as doutrinas da Carta, recusar o beneplacito a tudo que venha de fóra alterar a religião do paiz, a religião como ella era em 1826, e obstar a que os prelados acceitem e promulguem como dogmas erros de fé, como direito a quebra dos canones, como doutrina catholica as blasphemias (!!) contra as maximas fun-

damentaes da sociedade civil. O governo tem arbitrio para conceder ou negar o *exequatur* ás decisões conciliares ou ás letras apostolicas quando não collidirem com a constituição do reino. As que forem hostis a esta, é obvio que ha de rejeital-as, combatel-as, annullal-as. Pódem em Roma inventar o que quizerem, proclamar o que lhes convier, anathematisar o que lhes parecer. Em Portugal é que nada d'isso póde ser admittido, se repugnar ás instituições politicas de que fórma parte a religião do Estado (p. 281).»

Está redondamente enganado. O governo não tem direito para conceder ou negar o beneplacito a tudo o que venha de fóra, isto é, de Roma; que elle o dê, ou que o negue em pontos de doutrina, para os bispos e para os catholicos é totalmente indifferente. Ainda mesmo sob o ponto de vista politico, e em vista da Carta, só póde tel-o no sentido de lhes dar a protecção dos tribunaes, a fim de serem pu-

nidos quantos affrontem esses dogmas, quando lh'a peçam; e nenhum catholico a pedirá, pois estamos vendo que ella não passa de um verdadeiro escarneo.

O supposto direito geral e absoluto, que vê na Carta, não está lá. Seria um contrasenso suppôr que uma disposição accidental e secundaria viesse a destruir a doutrina fundamental, ou, como já o entendeu a camara dos deputados, constitucional do artigo 6.º Assim o declarou em 1855 o snr. Fonseca Magalhães, então ministro do reino, a proposito do beneplacito á Bulla da definição da Immaculada Conceição, declarando que só importava assegurar aos catholicos que seriam punidos os blasphemadores do dogma.

Se o legislador da Carta nutrisse os sentimentos que tão gratuitamente lhe suppõe o correspondente do snr. Fontana, teria estabelecido n'aquella lei o principio, que houvesse de ser desenvolvido n'uma lei organica, já quanto á repressão,

já quanto á auctoridade ou tribunal a quem fosse confiada; e lá não ha nada que com isto se pareça. Assim o legislador, ou não teve taes idéas, ou teve-as e não soube empregar os meios de pôl-as em prática, ou soube e não quiz. Veja qual das tres supposições lhes faz mais conta, mas tendo a certeza de que, seja qual fôr a que escolher, não será difficil mostrar que a sua pretenção é inteiramente desarrasoada, e insulta a memoria do principe.

No periodo que vimos de transcrever o snr. Herculano propõe o estabelecimento de uma religião similhante á de Henrique VIII, mas faltou-lhe a *camara estrellada*. Ainda está em tempo, e d'ella presidente o «summo sacerdote do culto litterario,» o Cromwell de hoje. Ninguem melhor que elle póde examinar se os bispos acceitam erros de fé como dogmas nas pastoraes que promulguem: quem melhor examinará os canones e comparal-os

com ellas para que os mesmos não soffram quebra? quem verificará melhor se as pastoraes estão d'acordo com o modo de entender a Carta em 1826 e em 1873? e quando d'encontro estiverem a um ou outro d'esses modos, quem melhor poderá decidir a qual se deve a preferencia? Quando a doutrina catholica diz que é peccado rebellar-se em armas contra o governo, ou negar-lhe obediencia nas cousas justas; que é peccado fazer matar um homem, obstaculo a certa ambição; que o é pactuar por qualquer modo que seja a escravisação da patria; e ao mesmo tempo as maximas fundamentaes da sociedade civil, entendidas como as entende certa escola na imprensa, contrariarem esta doutrina como se viu ainda ha poucos annos na Italia, o que é que ha de prevalecer, as pastoraes com a doutrina catholica, ou a nova philosophia politica? O snr. A. Herculano decide-se por esta.

Quando Bismark na Prussia, e Cere-

sola na Suissa quizeram *nacionalisar* o catholicismo, elles protestantes, não se esqueceram de crear tribunaes *ecclesiasticos,* papas de muitas cabeças, que subjugassem os bispos; e este *reformador,* homem de tantos recursos, não achou nada da sua lavra que podesse dar-nos?! Limitou-se a copiar um desacerto prussiano, e este mesmo incompleto.

Prevalecendo-nos d'essa circumstancia e do exemplo vindo de tão alto, podiamos responder-lhe com o que disseram os bispos catholicos aos bismarkianos; mas preferimos dar-lh'a de nossa lavra nas considerações que precedem, e as que vão seguindo.

Não sabemos d'onde poderia ter vindo ao poder civil a auctoridade que lhe attribue o snr. A. Herculano, de resolver soberanamente em assumptos religiosos. Achou-a de certo n'um dos erros condemnados pelo Syllabus, contra o qual se pôz tão furioso. Se os condemna!.... Mas os

catholicos não reconhecem tal auctoridade ao poder civil.

Suppondo, porém, na imaginação, que a podesse ter, o governo não acceitaria as indicações do snr. Herculano, que tambem as não propõe com sinceridade, nem com a esperança de serem recebidas. Se o fossem, o primeiro resultado seria o restabelecimento de todas as dioceses, e de todas as ordens religiosas que existiam em 1826, e que foram extinctas surrateira ou violentamente de 1833 para cá, as suas propriedades confiscadas, e escolas dissolvidas; a restituição dos padroados usurpados, etc. Isto sim, que foi uma revolução anti-religiosa, em nome da Carta que deixou de ser «maldita» desde que espalhou as «desgraças infandas» que trazia embrulhadas.

Isto é um sonho; mas continuemos com elle, e veremos que não foi sincero nas suas indicações o candidato a reformador. Não ignorava que d'esse *progresso*

de 47 annos para traz, havia de resultar quanto deixamos dito. Mas depois? Vejamos o que elle diz:

«Em Portugal, os que ainda crêem em Deus e na divina missão de Jesus, sem crêrem na Conceição Immaculada nem na infallibilidade do summo pontifice pelo seu diminuto numero e pela tibieza que é geral em todas as crenças, não tem nem força, nem resolução para arrostar com as iras do beaterio neo-catholico (p. 266).»

Aqui estão os titulos, em virtude dos quaes attribue ao governo civil auctoridade para reformar a religião: pertence a uma imperceptivel minoria, que é tibia nas crenças! Benevolamente suppomos que o governo pertença tambem a esse grupo; e se nem lá está, deixariam de ser as suas indicações uma verdadeira nuga para se tornarem uma indecente imitação do conciliabulo de Sirmio, com o appendiculo da contradicção; poiz diz n'uma parte que «todas as crenças» es-

tão tibias, e uma linha mais abaixo, fallando nas «iras do beaterio neo-catholico,» reconhece n'elle força de crenças. Mas o melhor é a advertencia encoberta aos seus discipulos para que não acceitem estas indicações, ou para que as empalmem depois, segundo o costume liberal. Agora vejamos os resultados, que prevê da acceitação das indicações como que para as rejeitarem:

«Os missionarios e uma parte do clero curado repetem ao povo quantas semsaborias, se espriguiçam por essas vastas charnecas das allocuções que os jesuitas assignam com o pseudonimo de *Pio Nono*.

«Missões dos agentes do jesuitismo, umas ineptas, outras astutas, instillam por toda a parte o veneno do ultramontanismo extremo, e corrompem o elemento social, a familia, sobretudo pela fraqueza mulheril.

«Vêmos bispos que protegem esses agentes, e que os applaudem; parochos

que os acceitam para que elles façam o que, em diverso sentido, fôra dever seu fazer (p. 274).»

«Os antigos institutos monasticos, que pela emulação, e pela seriedade e profundeza dos seus estudos, se contrapunham ao jesuitismo e á sua sciencia facciosa e dolosa, desappareceram, *e se hoje se restaurassem entre nós,* succederia o que succede quasi por toda a parte: ir-se-lhes-ia encontrar a roupeta de S. Ignacio debaixo da cogúla benedictina ou augustiniana.

«O presbyterado, que é como a burguezia da Igreja, e no seio do qual se encontram já muitos sacerdotes moços, ao mesmo tempo crentes e illustrados, não tem força para *readquirir*(?) nos negocios da sociedade christã o quinhão de influencia que a disciplina primitiva lhe dava (p. 275).»

Não acceiteis as minhas indicações, parece dizer aqui o snr. Herculano aos seus fieis, ser-nos-iam funestas e não conse-

guiriamos afastar os dous dogmas, que tanto me atormentam o espirito e irritam os nervos. Temos contra nós: os bispos, os parochos, os missionarios, isto é, os frades que escaparam á matança pelo ferro, pela fome, as privações, ou a velhice; até os padres, «moços» com excepção de alguns, moços, *crentes* como Ribeiro ou Serra, *illustrados* como Portella ou Carvalho; mas esses mesmos vejo-os flaccidos e sem vigor. Temo bem que não possam readquirir a influencia que lhes assegura uma disciplina inventada por mim, que alcunhei de *antiga*. Triste cousa!

É possivel, mas não nos atrevemos a affirmal-o, que «os institutos monasticos» mostrassem repugnancia e ciume aos «jesuitas» quando appareceram. Para hesitarmos, basta lembrar-nos da guerra que os benedictinos, etc., fizeram aos franciscanos e dominicanos assim que se fundaram. Está isso na indole do homem e na debilidade de sua natureza; mas podemos

afoutamente negar que se contrapozessem «ao jesuitismo e á sua sciencia,» pois ensinavam a mesma doutrina que os jesuitas; e portanto, se á sciencia d'estes póde o snr. Herculano chamar «facciosa e dolosa» por ser opposta ás opiniões que propala n'esta Carta, deve dar á d'aquelles o mesmo qualificado. Se algum resaibo de malquerença particular lhes ficou depois da extincção d'estes padres, se algum levedo de más doutrinas instillou nos institutos monasticos a malevolencia do marquez de Pombal, os desastres de 1834 curaram essa lepra com banhos de sangue; e já hoje seria difficil achar algum de quem viesse a dizer-se, como de *um* se disse:

> «Irá á Turquia, segundo eu ouvi,
> vêr se, por intrigas, ainda he mufti;
> pois he tão devoto o tal meu senhor
> que quer ser da Igreja seja ella qual for.»

Quem nos affirma estarem curados é

o proprio snr. Herculano, escrevendo: «os antigos institutos monasticos... desappareceram, e se hoje se restaurassem entre nós, succederia o que succede por toda a parte: ir-se-lhes-ia encontrar a roupeta de S. Ignacio debaixo da cogúla benedictina ou augustiniana.»

Maravilha-se d'isto o snr. Herculano, e não deixa de ter fundamento n'um certo sentido, pois é um phenomeno incomprehensivel para quem só o examina com vistas mundanas: homens, que d'antes eram inimigos rancorosos da Carta, hoje adoram-n'a, e outros que d'antes a saudavam enthusiastas como instrumento de regeneração patria, e de felicidade nacional, hoje olham-n'a com indifferença, talvez sem odio, mas tambem sem affecto. Como se póde explicar esta mudança? que occorreu de novo? A Igreja combatida, a consciencia catholica vilipendiada, e perseguida, em nome da Carta, e pelos que se dizem amigos da Car-

ta; eis a verdadeira razão d'este phenomeno. Outra qualquer explicação é mais ou menos falta de verdade e de sinceridade.

Nós não diremos que a Carta seja culpada d'esta situação; mas o que não se poderá negar é que todas as tropelias com ella se escudam, quer se matem os frades pela estrangulação, e as freiras pela propinação de veneno lento, quer o doutor José Manoel da Veiga proponha a *reforma do culto* por odio ao celibato sacro, e a Roma pelo manter, e o snr. A. Herculano por odio a Roma proponha o casamento civil e a amputação da dogmatica do catholicismo. Ora, isto não póde por fórma alguma conservar-lhe as sympathias dos homens religiosos, pois mau grado seu, ao par das palavras mui dôces e brandas que lhes sôam aos ouvidos, vêem a patria e a familia feridas por desgraças infandas.

VI

Continua-se a examinar o plano

Origem torpe e berço hediondo do *beneplacito*.—Um principio socialista.—Presbyterianismo orthodoxo (ou preto-branco).

> Oh raça maldita, horror do Universo,
> entre vós virtude é ser bem perverso!
> Traidores áquelle que mais vos protege,
> vileza é que sempre vossas acções rege.
> Semelhantes ao gato que afaga o menino
> em paga lhe volve o dente ferino,
> assim os Pedreiros reviram patada
> ao mesmo que guarda respeito á cambada.
>
> Os Pedreiros, Satyra.

São como dissemos ao findar o capitulo antecedente, catholicos os adversarios com quem teria a luctar o governo que partilhasse das idéas, e conviesse nas tentati-

vas do snr. Herculano. Já amestrados por uma longa serie de traições e de indignidades não se deixariam embahir com promessas, nem offuscar por sophismas, nem aterrar com ameaças; e não desanimariam ainda que vissem do lado do poder padres simoniacos, padres mações, padres dissolutos, como tantas vezes teem observado, atraiçoarem a causa de Deus para vendel-a a Cesar, e a Beelzebuth as almas dos povos. Todos sabemos que não ha nenhuma apostasia, desde o tempo dos Apostolos até hoje, em que não tenha apparecido um mau padre para pôr-lhe o cunho de Satanaz, já que não póde applicar-lhe o de Deus; degradação voluntaria que, se nos causa dó pelos desgraçados que arrasta á perdição, não nos entibia a resolução e o valor de combater pela causa da verdade.

Porém esses maus padres, arrebanhados pela promessa dos trinta dinheiros, e por um erratum serodio constituidos em

tribunal *ecclesiastico* lembrarem-se de impôr aos bispos «a obrigação de lhe submetter as suas pastoraes antes de serem publicadas, de modo que quaesquer novidades religiosas ou politicas não sejam propagadas pela auctoridade do *alto* clero (pag. 281),» e só pelas do *baixo* clero e das lojas onde *trabalhem;* e consultar ao governo a especie de *arbitrio* ou capricho do momento a que haja de ceder para prestar ou recusar o *beneplacito* ás bullas, e constituições apostolicas inoffensivas ás nigromancias das facções liberaes, e «rejeitar, combater, annullar» as que possam chamar-se «hostis á constituição do reino.» Pódem fazel-o, mas crêmos não haverá bispos que lhes obedeçam, clero illustrado e virtuoso que se dobre aos seus servilismos; e que até os leigos zombarão da exigencia, pois sabem que o beneplacito não resiste á discussão mais indulgente. D'onde veio elle? de Deus? Não: As Sagradas Paginas em vez de o aucto-

risarem, repellem-n'o. Do povo? tambem não, e mais o povo não tem poder para tanto. Da essencia do poder? não, não. Se procedesse d'essa origem seria de direito natural, e Christo não o infringiria, porque Deus não se contradiz a si mesmo; teria solicitado a Cesar o beneplacito para a sua doutrina: e nem Elle, nem os Apostolos, nem a Igreja até aos nossos dias, nunca o fizeram. Conhecemos a sua origem, que é torpe; o seu berço, que é hediondo. Não se atreve a confessal-o. A origem verdadeiramente dil-a o snr. Herculano quando pretende que é o «direito que tem todo o dono de casa de examinar as doutrinas que os visinhos lhe inculcam á familia.»

E como esconde a verdade, o que deixa suppôr que o faz por lhe convir, desmente a que déra antes para reprovar o encerramento das conferencias do Casino por ordem do governo. Esta contradicção condemna toda a sua Carta. Quando é que

falla verdade, quando rejeita ou quando approva o *direito?* O beneplacito é uma heresia, e um encaminhamento para o scisma em doutrina, um absurdo em philosophia, e uma inepcia em politica; é uma creação monstruosa da soberba para não ouvir as advertencias da Igreja; logo trouxe a escravisação a um Senhor immundo, brutal e feroz—o effeito da maldade que não permitte se ponha limite a seus crimes, e acaba sendo esmagada por elles.

Em Portugal a sua origem não é mais pura. Creou-o D. Pedro Cruel para se vingar do Papa lhe não conceder a legitimação de seus filhos incestuosos; e poz-lhe termo D. João II. Reviveu durante o estado de guerra de D. João V com o Papa; mas logo depois foi revogado. E finalmente restabeleceu-o o rei D. José, que o assegurou com as masmorras e os cadafalsos. Não é verdade portanto que fosse de direito publico, ainda que por

habil prestidigitação de mações togados e fardados entrasse na Constituição de 22, d'onde passou para a do Brazil, e d'esta transportado para a Carta, sem que reclamasse contra esta velhacaria

> «Adusta cambada ... que ...
> emfim já cançada de estar em socego,
> no Rei, de veneno fizeram emprego...»

E não reclamou por motivos que o snr. Herculano sabe melhor que nós.

O beneplacito é portanto uma empalmação dos aduladores do rei para dar-lh'o, e que D. Pedro acceitou inconscientemente. Ora, se o sabio reformador tanto se enfurece contra a Infallibilidade, só porque no seu desmemoriamento ou desdem da historia da Igreja, cuida que foi um donativo dos bispos ao Papa com o fim de se lhe tornarem agradaveis, como se mostra tão enthusiasta pelo beneplacito, que bem sabe ser um acto de servi-

lismo? Só se fôr porque debaixo d'esta capa ha uma declaração de guerra a Deus, á sociedade e ao rei.

Não espere pois nada do seu beneplacito. Os catholicos não o pedirão nunca para acto nenhum do Papa, em que só a sua consciencia religiosa esteja interessada. Nenhum lh'o reconhece. O que já se fez a respeito da Encyclica *Quanta cura,* do Syllabus, e das Constituições Apostolicas e Decretos do Concilio do Vaticano, é o que se continuará a fazer para o futuro. Se outra cousa espera, póde tirar d'ahi o sentido. O beneplacito morreu. Era uma arma terrivel e efficaz n'esses tempos tão chorados pelos herculanos, quando nada se podia imprimir sem *licença regia,* e a negação d'elle obstava a que o rebanho ouvisse a voz do seu Pastor, e acudisse a receber o pasto espiritual; mas hoje, com a liberdade de imprensa... O snr. Herculano ou sonha, ou está no reino da lua.

Quanto ás pastoraes dos bispos, ainda que estes fossem o que d'elles suppõe e diz com temeraria malignidade, bastaria o sentimento da propria dignidade de bispos, de homens e de cidadãos, para repellirem a aviltante exigencia da censura prévia do governo, ainda fazendo abstracção das suas pouco lisongeiras apreciações da intelligencia dos ministros (pois é bom que se saiba que o snr. Herculano só reconhece, estima e proclama uma intelligencia, e uma probidade em Portugal, a sua: tudo o mais vai descendo á proporção que se alonga d'elle). Os jornaes religiosos publicam essas pastoraes, protegidos por as leis da imprensa; e nos paizes onde não houvesse o recurso dos jornaes, diriam os prelados em práticas, homilias e sermões tudo aquillo que não podéssem escrever e publicar em letras de molde.

Além d'este instrumento de guerra, lembra outros mais que são:

«... Convertida a religião em instituição politica, os ministros d'ella são agentes e executores da lei constitucional, juntamente na esphera espiritual: *absurdo, na verdade grande,* mas corollario ineluctavel de outro absurdo maior, a interpretação que os reaccionarios e ainda alguns liberaes dão ao artigo 6.º da Carta (pag. 269);» e devem cumprir as ordens do governo contra a religião de Jesus-Christo, ou ser punidos se recusarem.

Aqui só queremos admirar a presciencia d'este senhor que já em 1857 chamara aos cabidos e aos parochos «verdadeiros funccionarios publicos»! D'este modo quereria castigar com o *absurdo* a interpretação que d'ahi a sete ou oito annos os reaccionarios e alguns liberaes haviam de dar ao artigo 6.º da Carta para se oppôrem ao casamento civil e ao divorcio? Ha de confessar-se que o *castigo* precedeu muito a culpa.

Obstar a que os «pulpitos dos templos

fundados pela nação, em eras mais ou menos remotas, protegidos pelas leis, e mantidos á custa do Estado não *sirvam* de instrumento para a ruina do mesmo Estado (pag. 278).» Obrigar «o clero official a ser instrumento do governo» n'esta campanha, ou a «previamente resignar as suas funcções (pag. 283).»

Recorrer «aos cathecismos, aos compendios, aos expositores, aos livros, por onde se ensinaram as sciencias ecclesiasticas e se educou o clero e o povo *desde o principio d'este seculo até á promulgação da Carta;*» declarar «que todas as doutrinas, ou desconhecidas n'esses livros, ou contrarias ás que elles encerram, ou a que se dê uma interpretação ou um valor differentes dos que se lhes davam então, *ou são heterodoxas ou erroneas, quer se refiram ao dogma quer á moral religiosa,* quer á disciplina (pag. 285).»

Isto é simplesmente, macissamente, indisputavelmente ridiculo (pag. 267);»

como não parece difficil de mostrar. Comecemos pelo principio.

Para que podésse alguem, pouco versado nas cousas religiosas, chamar aos bispos e aos parochos funccionarios publicos, era necessario que uma lei assim os declarasse. Onde está ella? Não existe. Mas o snr. Herculano cuida evitar a difficuldade, invocando dous motivos: 1.º A carta fez da religião catholica uma instituição politica. Já mostramos que não era verdade, comparando os tempos anteriores a 1826 com os posteriores até hoje. 2.º O governo dá-lhes ingerencia maior ou menor em assumptos de competencia civil. Aqui refere-se aos parochos, e não é exacto. O governo conservou-lhes a que já tinham, sem que fossem por isso funccionarios publicos. E quando o governo lh'a continúa, apesar da lei que lh'a tirou, é por interesse do publico e d'elle governo, sem nenhuma vantagem dos parochos. O caracter distinctivo do

funccionario publico é que o quinhão da auctoridade que exerce na sua esphera, lhe venha do estado, e d'elle receba por isso um ordenado, o que não se dá com os parochos. Mas então ha de o snr. Herculano ficar privado do goso do espectaculo que tanto o deleita na Prussia e na Suissa—a perseguição? Não: basta a má vontade, e a força. Porque não invocou desde logo essas razões?

Reconhece que é absurdo considerar os bispos e os parochos funccionarios publicos; todavia emprega-o elle para se vingar. Boa moral, e melhor logica! O grande escriptor faz voluntariamente uso de um absurdo, só porque no seu conceito outras pessoas cahiram n'outro, embora de boa fé, e sem saberem que o era; suppondo que o seja.

E porque não será antes absurda a sua interpretação, que tem contra si o consenso geral, como confessa; a boa memoria de lealdade a que tem direito o legis-

lador, que por ter sido principe não deixou de ser homem; e a intelligencia que sempre se lhe deu, e vêmos confirmado desde 1828 até hoje, de que dão testemunho os papeis do tempo, até Silvestre Pinheiro em varios de seus escriptos? Seria Silvestre Pinheiro um reaccionario ou um insensato? Talvez diga só comsigo que sim, o snr. A. Herculano.

Devemos observar-lhe tambem que nem os pulpitos dos templos, nem os proprios templos foram fundados pela nação, por mais remotas que sejam as eras a que deseje subir. À sua fundação é devida á iniciativa particular; eram os dinheiros dos fieis que costeavam as despezas. Mesmo os de fundação regia, não o eram com dinheiros extrahidos do cofre da nação, mas de seus bens patrimoniaes. Os *serviços* que o povo dava em côrtes aos reis eram applicados ás despezas do Estado. O grande historiador não devia ignorar isto, que é elementar;

e se o não cegasse a catholico-phobia, teria previsto que n'esta sua cinca involuntariamente assentava um *principio* socialista, que faz parte do systema da Internacional. Teria por ventura sido a nação que fundou o seu estabelecimento de Val de Lobos, e a sua fabrica de azeite?... provavelmente responde que não.

Não conhecemos bem a significação da phrase *clero official;* e afigura-se-nos que o não sabe melhor do que nós a penna que a escreveu. Deixemos esse palavrão ôcco. Obrigar! Dil-o facilmente quem só está costumado a lidar com escravos... O clero superior e inferior, que sabe o que é e o que deve ás almas e a si, não se presta a ser instrumento do governo. D'estes, que seria necessario obrigar, não obterá que atraiçoem seus deveres; os outros irão offerecer-se elles mesmos para receberem a paga da sua defecção.

Tambem tem que se lhe diga, isto de

«resignar as suas funcções.» Cuidará o snr. Herculano que tanto monta ser parocho ou bispo, como bibliothecario da Ajuda? Pois se cuida, está redondamente enganado. E se os bispos e os parochos não quizessem resignar as funcções, ou não lh'o permittir quem só tem esse direito, o que se lhes havia de fazer? demittil-os como se faz na Suissa?...

Achamos bom o appello aos cathecismos, etc., mas porque hão de ser só os que se fizeram *desde o principio d'este seculo* até 1826? Será porque façam differença dos tantos por onde se educou o clero e o povo desde o principio d'este seculo para traz? Se fazem, a novidade, a deturpação da doutrina estão n'essa ainda recente mudança de cathecismos, compendios, expositores, e livros, e não nos dois dogmas que lhe queimam as entranhas; se não fazem, é puramente uma caturrice esta exigencia. Escolha a seu gosto.

O seu Syllabus é uma preciosidade pelo ridiculo. A bulla de leigos que reclama deve ser festejada com eternas luminarias. E como se havia de fazer esse novo symbolo de Val de Lobos? por um decreto real, ou por uma lei das Côrtes. É caso sério; poderiam chocar-se as auctoridades, e produzir o choque uma gargalhada stridula, immensa que se extendesse por Portugál todo e ensurdecesse os portuguezes. Não se ouviriam nem o Syllabus, nem a Bulla.

E ainda poderia succeder outro perigo. O snr. Herculano seria de certo encarregado da redacção de Bulla e Syllabus annexo, onde se formulassem, aqui, os *erros* e *heterodoxias* que os catholicos deveriam *descrer,* e alli, na Bulla, as *verdades* e *orthodoxias* que ficavam obrigados a crêr... *(por acto addicional á Carta?):* mas por muito vasta que seja a sua cabeça, era possivel que, já por desattenção, já por não conhecer o travamento

ou relação intima dos dogmas no seu desenvolvimento historico e scientifico, omittisse no Syllabus, ou na Bulla alguma proposição; e assim por de mais ou de menos ficasse *alli* a *raiz* dos dogmas seus aborrecidos, ou desapparecesse *d'aqui* uma doutrina essencial, ficando no Syllabus o *mal,* e na Bulla apenas o Symbolo incompleto e estranho de catholicismo cartolatra que tyrios e troyanos festejariam com musica de tachos velhos e assobios. E o que seria então do snr. Alexandre Herculano de Carvalho, que a tanto custo aviou esta receita de Infallibilidade caricata e demente de seis ou sete ministros, e duzentos e tantos paes da patria para oppôl-a á Infallibilidade verdadeira e sensata do Vigario de Christo?

O que seria?!... Consideral-o-iam uns e outros igual, e por ventura um furo superior, ao snr. Jayme, «auctor de differentes originaes opusculos de moral e hy-

giene;» e *una voce* bradariam onde quer que se falle a nossa lingua:

> «Quaes as aves de Roma salvadoras,
> d'immortaes honras gosareis, *ó sabios*,
> tereis logar n'Olimpo, e alegre o Pindo
> ha de *sempre* cantar *Carvalho* e *Jayme.*»

Parece-nos ter mostrado sem muita difficuldade o que dissemos—«isto é simplesmente, macissamente, indisputavelmente ridiculo.»

Mas o que mais que tudo o mostra é o proprio proponente, que não fia nenhum resultado favoravel para a sua causa d'este plano de guerra tão desenvolvido; e propõe como unico meio efficaz e seguro, o seguinte:

«E todavia, só uma especie de presbyteranismo orthodoxo *(sic)* e simplesmente disciplinar tornaria agora possivel dar-se algum remedio á ruina da Igreja; porque talvez esses homens novos quizessem e

soubessem congraçal-a com a sociedade moderna (pag. 275).»

Aqui levanta um pouco a ponta do negro véu, que esconde o futuro que nos prepara. Quer formalmente estabelecer um scisma em Portugal. A phrase *presbyteranismo orthodoxo,* onde a palavra *orthodoxo* póde ter uma significação *doble,* tanto mais que na verdadeira accepção uiva por estar jungida a *presbyterianismo;* a valvula de segurança posta nas palavras *puramente disciplinar,* o que se reconhece pela contradicção em que estão com o pensamento gerador d'esta Carta, que é o odio aos dois dogmas, e ao *Syllabus,* que respeitam exclusivamente á dogmatica, e nada tem que vêr com a disciplina, são indicios bem seguros. Assim com apparencias igualmente humildes, foi gerada e veio á luz a Conferencia de Soleure, na qual um pouco mais tarde se introduziram leigos para neutralisarem a influencia dos presbyteros, que, segundo crê-

mos, foram por um modo ou por outro postos de parte: e agora a mesma Conferencia, tendo-se constituido em pedagogo do bispo da diocese acabou por destituil-o. Que delicioso e habil é este snr. Herculano com o seu presbyterianismo orthodoxo, como quem diria *preto branco!* Tem só o defeito de suppôr mentecaptos os catholicos.

E que cousa é *sociedade moderna?*

VII

Plano de perseguição e novas contradicções

Sophistica ridicula e repugnante hypocrisia de um absolutista pombalino.—Bella perspectiva!

> Talvez isto sane seus males cruentos
> que putridos tornam os pobres jumentos.
> Porém se quizerem de todo cural-os
> das fetidas chagas=recipe=enforcal-os.
> .... que á seita vendido
> a Patria trahiste ladrão fementido
> que escravos nos queres d'um jugo estrangeiro.
> Maus raios te escachem, damnado pedreiro;
> odeio-te tanto, mação desgraçado,
> que daria a vida por vêr-te enforcado.
>
> Os Pedreiros, Satyra.

Estes versos que seriam escriptos pela mão de qualquer ir.·. terrivel, se elle soubesse escrever; e que mais facilmente po-

déram tel-o sido por algum el.·. secr.·., parecem-nos congruentes a esta parte da carta ao snr. Fontana, que estamos examinando. E não se diga que não poderiam ter sido escriptos por mão pedreiral sendo um libello famoso contra os pedreiros: o que lhe custam dissimulação e odio? E depois, assim como o camaleão muda facilmente de côr, conservando sempre o fundo da sua côr natural, vêrde, em todas aquellas que reveste, matisando-as com esta, tambem os pedreiros adoptando todas as côres, não perdem nunca a sua primitiva côr de sangue.

O snr. A. Herculano, que não quer em Portugal a religião catholica, e procura estabelecer outra, qualquer que seja, não sabemos se *nacional* se *cantonal;* rico da experiencia de mais de sessenta annos de vida e acção em todos os partidos politicos, e ainda n'outros gremios, sabe que nenhuma innovação chegou a vingar e a medrar senão pela força e o terror. D'ahi

vem o empenho com que lançou as bases da inquisição, destinada a proteger e firmar a seita *Cartolica*.

Vamos vêr que não lhe escapou nada, tudo previu, tudo regulou. Bispos, clero, leigos, novos e velhos, nenhum escapa das malhas da sua rêde varredoura para apanhar o maior numero possivel de reaccionarios; nem Thomás Cromwell lhe é superior, na Inglaterra de Henrique VIII, o que facil é de reconhecer lendo o seguinte:

«Quando as tempestades moraes, as longas e acres tristezas da existencia e os profundos desenganos do mundo tiverem devastado aquellas almas, não será raro encontrar o impio dos vinte e cinco annos, lá pela tarde da vida, assentado ao pé da cruz, a scismar no futuro e em Deus. Não quer dizer isto que os devotos fervorosos de vinte annos sejam provadamente hypocritas. A convicção religiosa póde ser mais precoce e mais viva

n'este ou n'aquelle espirito. Todavia, sempre será bom vêrem se lhes descobrem debaixo da burjaca piedosamente mal talhada o cabeção de jesuita (pag. 280).»

«...... Cumpre que os bispos, os parochos, em summa, todos os funccionarios ecclesiasticos desaggravem a fé offendida... É o direito e é o dever do governo compellil-os a que o façam. É necessario exigir d'elles manifestações positivas, e que os bispos, parochos e professores publicos de theologia declarem falsas e subversivas todas as doutrinas, sejam de quem forem, venham d'onde vierem, que *tenderem* a tornar contradictoria a religião do reino, com as condições impreteriveis da sociedade actual estabelecidas na Carta. Que o governo exija isto, e espere o resultado (pag. 248).»

«Envolva-se (o governo) no manto da sua ignorancia. O seu criterio é apenas o senso commum..... Imponha o ensino de ha cincoenta ou sessenta annos em mate-

ria religiosa, e *vigie pelos seus agentes* se alguem exorbita das doutrinas d'então e se atraiçoa com o ensino oral o ensino escripto (pag. 287).»

Acha-se aqui o germen de tudo o que é necessario para a perseguição religiosa: a espionagem, a delação, a ameaça e a veniaga. Conhece-se que o *legislador* de Val de Lobos sabe do officio. Não nos parece que reconheça outra origem o desassombro com que diz:

«É uma lucta que eu aconselho ao poder civil? Decerto. Os governos fizeram-se para luctar quando é necessario manter as instituições do paiz. O direito está da sua parte (pag. 288).»

Está o direito da sua parte? E que direito é esse? Já nos disse que era «o que tem todo o dono de casa de examinar as doutrinas que os visinhos lhe inculcam á familia;» sem advertir que estas poucas palavras contradizem o seu livro de ha quatorze annos sobre a origem e estabe-

lecimento da inquisição em Portugal, com todas as supposições calumniosas, e apreciações injustas e até grosseiras injurias, confundidas com algumas indicações sensatas, e doutrinas verdadeiras. Mais uma contradicção a juntar ás tantas em que o tem feito cahir a sua atrabilis habitual! Se tal é o direito de todo o dono de casa, qual é aquelle com que cobriu a D. João III de injurias por ter d'elle usado, estabelecendo a inquisição para examinar as doutrinas que os visinhos e os hospedes lhe inculcavam á familia? Não póde haver dous direitos contrarios.

Deixemos para outra occasião as suas contradicções, e inexactidões, e continuaremos a examinar o plano inquisitorial do snr. Herculano.

Pensa elle de si para si que os catholicos não teem nenhuns direitos; ou se alguns pódem reclamar, é só o de serem insultados e atropellados na sua consciencia ou na sua fé religiosa pelos impios

das lojas e parasitas do poder, e espezinhados por todos os que por qualquer modo exercem o poder publico. D'ahi vem que não duvida invocar os exemplos do mesmo poder civil que ha 300 annos adoptou a inquisição de Hespanha, em nome e com o pretexto da fé catholica de Christo, e pelo seu direito de *dono da casa,* para auctorisar os que hoje, 300 annos depois, por força d'esse mesmo direito, adoptarem a inquisição da Allemanha e da Suissa, em nome e com o pretexto da fé maçonica, ou liberal. Não ha n'estas indicações coherencia, nem logica, e sómente a satisfação de velhos rancores e odios recosidos. E para que todos vejam que só d'este modo póde explicar-se o seu pensamento, passemos a lêr:

«Acceitavam-se, por ventura, antes d'essa epocha (1826) as maximas do *Syllabus* contradictorias com as leis do reino, com o seu direito publico? Já notei que nem o proprio absolutismo acceitava

aquellas que o contrariavam quando, dispersas, não se pensava ainda em compaginar essa especie de mappa estrategico da campanha contra a civilisação (pag. 269).»

Tem razão em parte; mas n'essa parte mesma que vergonhosa contradicção, que ausencia de reflexão! Pois não viu que se fosse licito aos poderes temporaes supprimir dos ensinos religiosos o que contrariasse o que chamassem o seu direito publico, á religião de Christo succederia o mesmo que ao homem da fabula entre sua mulher e sua sogra; aquella arrancando-lhe os cabellos brancos para não parecer velho, e a outra os cabellos pretos para não parecer novo, resultando d'estas encontradas operações que pozeram calvo o pobre homem? O absolutismo suppriminia da religião catholica tudo o que lhe impunha o dever de governar por meio de leis justas e não segundo o capricho do momento, e o liberalismo tudo o que

lhe recordasse a origem divina do poder e o respeito á auctoridade; e assim a respeito de muitas outras doutrinas, preceitos e maximas que contrariam a indole e as tendencias de ambos os systemas de governo: isto além das conveniencias particulares e ephemeras de cada governo em tal paiz, em tal epocha, e com tal partido. O catholicismo passaria a ser como está sendo a igreja grega, que vai a não ser a mesma em Constantinopla, que em Athenas, ou S. Petersburgo, pelas differenças essenciaes que os governos introduziram em pontos de summo valor. E se a auctoridade dos governos absolutos é tão grande, para que applaude *hoje* a quéda d'esses governos, tão judiciosos e tão intelligentes? Se ella é tamanha, ainda mesmo nos assumptos que não eram da sua competencia, immensamente maior deveria ser nos que a ella respeitavam... foi portanto uma calamidade a destruição d'elles, e cabia ao homem *austero* e *ver-*

dadeiro por excellencia ter a coragem de o dizer, e não misturar-se cobardemente com as turbas que applaudem sempre o vencedor! É verdade que nos fica uma duvida: como é que, sendo tão intelligentes, empregaram meios de governação que lhes produziram resultados totalmente contrarios, diametralmente oppostos aos que se promettiam? Deverá attribuir-se a isto o desdem com que o snr. Herculano os abandonou, e foi misturar-se, confraternisar, e banquetear-se com os vencedores? Sempre foram jantares mais substanciosos que as *ceias* dos bispos ao sahirem do Vaticano.

Mas explicando com o intuito de justifical-o o seu abandono dos governos absolutos por ineptos, não podemos comprehender o ardoroso empenho com que recommenda aos seus *novos* convivas as mesmas normas de proceder que, *se não perderam,* como crêmos, os governos absolutos, é de toda a certeza que os não

salvaram! Repellimos toda a supposição que lhe seja deshonrosa, mas não atinamos com a que teve de certo, e que não póde maculal-o. E mais advertimos que depois de ter andado uns bons vinte e nove annos com quantos (assim que se viram vencedores) não cessaram de proclamar guerra a Roma ao mesmo tempo que depunham ou matavam parochos, frades e padres, expulsavam ou espancavam bispos, derrubavam cruzes e igrejas, ou as convertiam em quarteis, hospedarias, theatros, etc., accusando aos catholicos de serem alliados e cumplices do absolutismo; agora mui espontaneamente venha confessar que o absolutismo contrariava Roma, e assoberbava os catholicos, e o que mais é, reclame com azedume que se adoptem e sigam encarecendo-as as práticas dos seus ministros!

Descobre d'este modo, que nos calumniava quando nos assacava solidariedade e cumplicidade com o poder que nos fa-

zia suas victimas, e nos considerava seus escravos, frementes embora, mas escravos; que o liberalismo ao qual ama não é senão a continuação, com outro nome, do absolutismo que o marquez de Pombal protegeu, propagou e fortaleceu; e que ainda quer mais do que a continuação, exige a exacerbação dos vexames recebidos por outros vexames novos em nome d'uma sophistica ridicula, e d'uma hypocrisia repugnante.

Outra. A causa do absolutismo diz elle que era a causa da civilisação! Não será por isso que á causa de hoje chama tambem da civilisação, confissão implicita de que é a mesma do absolutismo? Crêmos que sim; até porque não encontramos outra explicação mais cabal a esta unica fórma de designar dous systemas, ao parecer tão oppostos: mas como é então que os amigos d'agora do snr. Herculano fizeram correr ondas de sangue, semearam cadaveres por todo o reino,

amontoaram ruinas sobre ruinas; retardaram por mais um seculo talvez a causa do progresso moral e material do povo, e rasgaram a nação em tantos pedaços quantos são os partidos, só para mudarem de actores e de scenario? Sim; porque hoje representa-se a mesma tragicomedia só com as variantes da empalmação e da mentira.

O absolutismo do marquez de Pombal, depois de ter pizado aos pés as liberdades populares «que o contrariavam», rasgou todas quantas pôde das liberdades christãs «dispersas» pèlo Evangelho, os decretos dos concilios e do direito canonico, declarando que eram «contra a civilisação», que elle trouxera para Portugal, d'aquella que os *Caval.·. do Sol* preparavam afanosos lá por fóra. E o caso é que lançou mão dos mesmos meios que o snr. A. Herculano indica, só com a differença de serem logo postos em prática. A *inquisição* e a *inconfidencia* serviam-lhe

maravilhosamente para isso. Malagrida e Pelle representaram, aquelle o ultramontanismo queimado, este a liberdade individual esquartejada; os jesuitas expulsos, o bispo de Coimbra n'uma masmorra subterranea, a sua pastoral queimada pela mão do carrasco, o padre Theodoro d'Almeida obrigado a fugir de Portugal e perseguido na Hespanha, e na propria França, mais de oito mil familias de luto pelo desapparecimento dos paes, dos maridos ou dos filhos, uns entaipados, outros sepultados em lobregas prisões no meio de uma noite perpetua.... tudo proclamava a victoria da politica pombalina, e da religião humana, que o snr. Herculano adoptou por suas, e estabelecia a «civilisação», que nos deu... muita cousa que se póde lêr nas *memorias* de José Liberato, e que pódem resumir-se na deputação *a* Napoleão I *pedindo-lhe um rei* porque a *casa de Bragança tinha cessado de reinar*, a perseguição do oratoriano José Morato;

e a nomeação de bispos de quem o auctor da Satyra *Os Pedreiros* podésse dizer:

«Nem de Elvas oh Bispo, Attaide fero,
homem mais probo do Corpo do Clero
que tanto desejas que augmente a Nação,
que tens já de filhos mais de um quarteirão.»

A victoria foi completa. A civilisação que nasceu entre as fogueiras de Belem, refocillou-se nas do Campo de Sant'Anna, e por fim deu á luz as revoluções de agosto e novembro de 1820 (esta mais *liberal* que aquella por ser iberica), a perda do Brazil, a decadencia do nòsso poder além mar, uma divida de 750 milhões de cruzados, a fraqueza dos nossos meios de defensa, e o vilipendio ou o esquecimento da Europa.

E como as mesmas causas produzem sempre os mesmos effeitos, póde suppor-se o que deverá resultar da adopção do plano que a perspicacia do correspondente do snr. Fontana lhe fez descobrir

que era efficaz para destruir o catholicismo, que pelos modos o marquez de Pombal nem os seus discipulos podéram completamente aniquilar, não obstante o muito poderoso auxilio que receberam dos *atassalhadores* de 1820, da «*feroz seita*» de 1826, e dos *devoristas* de 1833. Só lhe faltam os meios práticos, snr. A. Herculano, e é n'essa parte que o seu systema falha. Verdade é que a *inquisição* póde ser substituida pela *policia;* e a *inconfidencia* por uma junta qualquer. Pódem tambem os *confiscos* ser encapotados em *desamortisações,* mas o que se porá em logar dos *entaipamentos* e das *execuções?*... Para aqui é que chamamos todo o seu engenho, tão descommunal, porque emfim a lacuna é grave; e não deve temer lhe faltem homens dispostos a praticar todas as indignidades que os Sejanos liberaes ordenem... Já os temos visto com as mãos á obra.

Supponhamos por isso que tudo se ar-

ranja á sua vontade: que as lojas dos pedreiros dão enxames de espiões para descobrirem por «debaixo da burjaca o cabeção de jesuita», que por signal não teem cabeção; bandos de aguazis para filar os parochos e bispos tumultuarios; juizes para mandal-os enforcar, e carrascos para executarem as sentenças... A primeira decepção é que não se veria livre do «immaculatismo», que lá estava a affirmal-o o juramento dos gráos academicos; a segunda é que o «infallibilismo» se lhe punha de diante nas declarações da Universidade, como o Anjo do Senhor diante da burra de Balaão; a terceira, em ultima analyse, é que aquelles que não conseguissem matar, mostrariam ao povo, no Genesis, e nas prophecias do Pentateuco, e até no Novo Testamento e na historia esses dogmas... o que seria um grande ferro para o *legislador* de Val de Lobos.

Supponhamos ainda mais, supponhamos que Cesar vencia, como venceu Hen-

rique VIII, ainda que o poder de Cesar fosse exercido pelo snr. A. Herculano, e que os catholicos em Portugal ficassem reduzidos a menor numero que os de Inglaterra nos primeiros annos do presente seculo; o resultado final seria que, assim como a victoria de Pombal conduziu á escravidão do rei, e ao desprezo da magestade real, a victoria do snr. Herculano traria comsigo a destruição de Portugal pela anarchia, ou pela annexação á Hespanha, e ao trambulhão do Cesar... de feira, posto a fazer o serviço de lacaio de um Castellar qualquer. Sendo tão bella a perspectiva, porque se não ha de tentar?

VIII

Ainda novas contradicções e faltas de verdade

A sociedade moderna.—O Casino e o Catholicismo. —O ensino da Irmãs da Caridade fulminado pelo defensor da liberdade *casinense.*—O Concilio Tridentino recebido em França.—Blasphemias e heresias.—Castigo do odio e da-soberba.—Conclusão.

> E vós já finados, antigos pedreiros
> nem por ser idosos sois menos sendeiros
> portanto entre a turba qu'eu canto ufanoso
> tambem vos pertence lugar glorioso.
>
> Os Pedreiros, Satyra.

Os versos *menistas* que tomamos para epigraphe d'este artigo não lançam condemnação exclusivamente sobre os *finados,* por mais que assim pareça ter sido

aqui a intenção do poeta no verdor dos annos, quando as suas convicções ainda não estavam mareadas pelos miasmas putridos da cubiça, da inveja e das doutrinas gangrenosas do racionalismo irracional: a sentença abranje tambem quantos foram tocados por uma velhice precoce, que lhes deprime o cerebro.

Dada esta explicação, que não é inutil como adiante se mostrará, vamos relevar algumas das muitas contradicções em que o snr. A. Herculano foi tão prodigo na sua carta, e a varias das quaes já alludimos censurando-as.

A que se nos offerece desde já é a proposito do que chama a *Sociedade moderna*. E o que é sociedade moderna? debalde esperamos uma resposta, que não virá. Conhecemos a sociedade universal; comprehendemos a sociedade humana, sabemos o que seja a sociedade nacional, ou particular; concebemos a sociedade catholica, e n'um certo sentido a socie-

dade antiga ou pagã, em oposição á christã ou moderna. Esta não é todavia aquella de que falla o snr. Herculano, pois que essa não é nem póde ser nunca sociedade moderna: esta sua ou já não existe, ou é a galvanisação da sociedade pagan.

Depois de muito investigarmos, achamos que todos quantos encareciam a *sociedade moderna,* referiam-se aos chamados principios de 1789; e o que eram e são esses principios? o odio a Deus, e como consequencia o despreso do homem, a oppressão da consciencia, a satisfação dos appetites mais torpes, a sêde inextinguivel de sangue e de ouro; principios que levaram os devassos aos pés da infame *deusa Rasão,* e milhões de homens á morte, já pela guilhotina, pelo punhal, já pelos afogamentos... Será isto o que chama *sociedade moderna,* snr. Herculano? Se é, comprehendemos a sua carta; se não, não. É uma nugação.

Não insistindo no odioso da phrase, e

abstrahindo do ridiculo ou erroneo d'ella; pois se não sabe o que seja a sociedade moderna (como em ponto mais restricto ninguem entende o que seja *familia moderna*), visto que a sociedade humana, ou a sociedade nacional é uma grande familia que teve uma só e a mesma origem, que é dotada das mesmas faculdades, sujeita ás mesmas necessidades, e é dirigida ao mesmo fim; lembraremos para desculpar o emprego d'esta expressão, que ella é das muitas arranjadas pelos innovadores, que a põem em voga com auxilio dos papagaios por ser um bom nariz de cera.

N'este caso está esta da *sociedade moderna,* que ou é mera nuga, ou a expressão de um desejo feroz, ou um contrasenso: pois quer que isto a que dá o nome de sociedade moderna se inspire das doutrinas da *sociedade velha,* que os liberaes taxam de hediondas, e repita as mesmas praticas, de que furiosos blasphemavam;

contra as quaes conspiravam, e se revoltavam pelo que achavam de oppressivas para elles, mas que desejam com o auctor da carta vêr empregadas contra os catholicos. A par do contrasenso ha uma grande immoralidade, que só por si revela a hypocrisia com que se chamam catholicos.

Quando mesmo queiramos desentendernos d'isso, e olhar só para a exigencia, basta considerar uma sociedade regida por principios anthipaticos aos que dirigiam a precedente, para se reconhecer que é um contrasenso querer tomar-lhe uma parte d'elles, e assimilhal-os a si para lhe servirem de regras de procedimento em suas relações com os catholicos, de quem aquella exclusivamente se compunha!

Não queremos dizer mais a este respeito, e passamos já a outra contradicção, não menos repugnante que as antecedentes.

O snr. Herculano, querendo arguir o governo por ter prohibido as Conferencias do Casino escreveu:

«Idéa perseguida, idéa propagada: lei perpetua do mundo moral, perpetuamente esquecida pelo poder. Por certo o governo tem obrigação de manter a religião do Estado, como tem a obrigação de manter todas as instituições do paiz. Mas o respeito pela inviolabilidade do pensamento entra tambem no numero das suas obrigações. E quando a religião do estado e a liberdade do pensamento collidem, é aos tribunaes judiciaes que cumpre dirimir a contenda. O discurso oral é a manifestação da idéa, como o é o discurso escripto. Não se póde supprimir o orador, como se não póde supprimir o escriptor. Para um, como para outro, ha a responsabilidade e a punição (pag. 257).»

Agora voltemos algumas paginas e leremos:

«O bispo, o parocho, o missionario, que

propalam doutrinas tendentes a alterar a religião do paiz, ou que offendam o pacto social, tumultuam. Esses homens estão em manifesta rebellião,... porque aproveitam a força moral que lhes dá o seu caracter sagrado e a sua condição de funccionarios de Estado para... infeccionarem com estranhos erros a religião de nossos paes, que, immutavel, deve continuar a ser a religião official, e para alluirem pelos fundamentos a monarchia representativa (pag. 279).»

Estão frente a frente o Casino, e o Catholicismo. Alli tratava-se de alluir este pela sua base, e com elle toda a idéa christan, e de aniquilar a monarchia portugueza, e com ella a nacionalidade; aqui affirma-se a soberania e a independencia da Igreja, dá-se protecção efficaz ao dogma catholico, e por meio d'elle á idéa christã, mantendo assim a paz das consciencias, restabelecendo as verdadeiras noções da auctoridade e da liberdade, tão pro-

veitosas á sociedade politica e civil; e comtudo queria o snr. Herculano que fosse livremente ao Casino um apostolo da *idéa nova* negar a Divindade de Jesu-Christo, chamando-lhe só um homem extraordinario, por outras palavras um impostor, que os seus antepassados tinham feito muito mal em condemnar á morte, bastando talvez uma sentença de trabalhos publicos; e para dizer que o concilio de Nicêa tinha feito Deus a Jesus, acrescentando um *dogma novo* á doutrina christã. O auctor da carta esfregava as mãos de contente suppondo que iria outro dizer da *tribuna* do antigo café Concerto que o concilio de Trento fizera o Catholicismo introduzindo-lhe não sabemos quantos *dogmas novos,* e o substituira ao Christianismo; e que nós, a visinha Hespanha e tambem a França, deviamos a essa substituição, assim como á monarchia, a decadencia em que nos vêmos!... Elle applaudia isto; mas como viu transtornadas

as suas esperanças, escreveu cheio de colera aquellas palavras.

N'este logar parece-nos ouvir dizer: Mas como póde ser isso, se o snr. A. Herculano reconhece a divindade de Christo, e tem bastante bom senso para alcançar que é mais judicioso adoral-o Deus, do que suppol-o um homem extraordinario, sabio sem ter aprendido em nenhuma escola, não obstante o que aos doze annos de idade confundia e fazia emmudecer os velhos sabios e doutores da sua nação? Se elle rejeita com despreso a patranha do *novo dogma* de Nicêa? Se elle affirma, embora contra a verdade, que «a França recusou constantemente acceitar o concilio de Trento, sem distincção de dogma ou de disciplina (pag. 290),» e nega portanto que a decadencia d'esta nação podésse ter tido a sua origem na acceitação do Concilio que viera substituir o christianismo pelo catholicismo? Como póde ser!

Assim é, mas nem por isso é menos verdade o que dissemos. As doutrinas do Casino, por mais oppostas que pareçam ás que elle proprio diz professar, teem origem commum, e dirijem-se ao mesmo fim; aquella é a independencia e soberania da razão individual, este é o despreso da Revelação divina. Além d'isso as conferencias do Casino deviam ter por consequencia, no pensar do snr. Herculano, a intervenção dos tribunaes leigos, que teriam de julgar em assumptos religiosos; e isso reconhecia formal e solemnemente a soberania do Estado e a sua infallibilidade, ainda nas cousas do espirito. Não é mera supposição nossa: elle mesmo diz: «quando a religião do Estado e a liberdade do pensamento collidem, é aos tribunaes judiciaes que cumpre dirimir a contenda (pag. 257).»

Esse meio de estabelecer a infallibilidade do Estado, e a sua soberania na Igreja falhou, e naturalmente o snr. A.

Herculano bramiu de raiva ao vêr os effeitos da *imperícia* do governo.

Ou então quereria este senhor preparar o triumpho completo do catholicismo por via da perseguição que o própagasse, visto ter assentado como axioma incontrastavel que *idéa perseguida é idéa propagada?* Ainda que não seja impossivel, temos para nós que, sem tirar nada á contradicção apontada, reveste um caracter por tal modo repugnante, que não hesitamos em repellir esta supposição.

Não se póde explicar d'outro modo esta contradicção, que já não é nova n'elle. Em 1871 não queria, como se viu, que o governo se ingerisse nas prelecções do Casino, apesar de serem perigosas, e algumas até blasphemas, as doutrinas expostas; e em 1859 bradava como um possesso contra as lições que as Irmãs de Caridade estavam dando a alguns centos de creanças. A respeito d'aquellas, o governo devia limitar-se a fazer o papel de

mudo espectador, e quando muito accusar ante os tribunaes as lições de *mestres* sem garantia; mas a respeito d'estas bradava que o governo tinha obrigação de ser severo, fechar a bôca ás *mestras* com garantia, e expulsal-as. Entendam-se lá com um homem, que não tem principios fixos, doutrinas firmes; que se deixa arrastar pelo vento dos seus odios e de suas vaidades!

N'este logar corrigiremos a inexactidão do snr. A. Herculano quando affirmou que «a França recusou constantemente acceitar o concilio de Trento, sem distincção de dogma e de disciplina.» O facto não é verdadeiro e nem sequer exacto senão talvez em parte, e relativamente ao poder secular. Elle proprio o confessa até certo ponto dizendo: «Foi infructuoso todo o empenho do clero francez em fazer admittil-o, porque as barreiras que lhe oppunham ora os reis, ora os tribunaes, eram insuperaveis... Muitas

das resoluções disciplinares do concilio repugnavam aos principios e ás leis que a sociedade temporal reputava uteis ou necessarias á sua existencia. Acceitando o concilio a sociedade feria-se ou suicidava-se (pag. 291).»

Dissemos que o facto não era verdadeiro. O concilio foi recebido na sua parte dogmatica em toda a França, logo que lá chegaram os decretos de fé do mesmo. E pelo que respeita á parte disciplinar, o cardeal de Lorena os recebeu em seu nome e no de todo o episcopado francez, sem nenhuma excepção. Dezoito annos depois, a assembléa geral do clero, de junho de 1582, resolveu receber estes decretos se o rei não vencesse a resistencia dos parlamentos a registal-os; e finalmente, já sem esperança de trazer a auctoridade temporal a actos de virilidade, a assembléa do clero, reunida em Paris em 1615, e composta de 3 cardeaes, 7 arcebispos, 43 bispos, e 30 ecclesiasticos

de segunda ordem, «depois de terem maduramente deliberado sobre a publicação do concilio de Trento, unanimemente reconheceram, e declararam estar obrigados por seu dever de consciencia a receber, como de facto recebem, o dito concilio, e promettem observal-o tanto quanto possam por suas funcções e auctoridade espiritual e pastoral, e para fazerem mais larga, mais solemne e mais especial acceitação d'elle, são de opinião que devem ser convocados em cada provincia metropolitana do reino dentro de seis mezes o mais tardar, os respectivos concilios provinciaes, e se requeira aos snrs. arcebispos e bispos ausentes... para que, no caso de algum impedimento retardar a convocação dos ditos concilios provinciaes, o concilio seja não obstante recebido nos synodos diocesanos e observado nas dioceses.»

Accrescentamos que não era tambem exacto, se não talvez em parte, e relativa-

mente ao poder secular. Este póde ser que estivesse despeitado com o concilio por não ter ordenado certas cousas no sentido e pelo modo que queria e tinha proposto: ao menos assim o dizem alguns auctores, mas ou isso não passa de suspeitas, ou pouco tempo durou esse despeito, pois vêmos que não só não procedeu contra os bispos que publicaram nas suas dioceses a parte dogmatica do concilio, mas até mais tarde não pareceu estomagar-se muito com a acceitação total do mesmo. E aqui temos desde já manifesto ter havido a distincção que negava o snr. Herculano, entre dogma e disciplina.

Mas em todo o caso não o acceitou elle. É assim; mas nem elle tinha nada com o dogma que é independente de sua acceitação ou não acceitação, nem quanto á disciplina se deu o que entende por constante recusa; do contrario os bispos não teriam esperado 38 annos para a sua acceitação solemne, prescindindo de que fos-

se encorporado nas leis do reino (que é ao que se reduz o beneplacito ou acceitação), o que elles pediam por bem da paz, e não por que fosse necessaria a acceitação do poder temporal. O celebre Pedro da Marca nega que os reis de França tivessem repugnancia á acceitação do concilio; e quando elle o não dissesse, conhecem-se as respostas de Catherina de Medicis, de Carlos IX, de Henrique III, e IV, que todos se reduziam a dizer que *tinham medo de irritar os huguenotes com a publicação do concilio!* E d'onde lhes veio a força diante da qual o governo tremia de medo? Veio da fraqueza com que se deixaram seduzir pelos antecessores do snr. Herculano, que, parecendo ou fingindo augmentar o seu poder, lh'o enfraqueceram na realidade. Quem póde acreditar que Catherina de Medicis, ou Carlos IX, se recusassem a acceitar o concilio de Trento para não suicidar a sociedade civil, que não tremeram de assassinar com

o crime de 24 d'agosto de 1572?... Ou que temeu magoal-a Henrique IV, que não duvidou dividil-a com o edito de 1578? O unico sentimento que obstou á acceitação do concilio foi o medo. Foi tambem este o que inspirou os dous actos, o primeiro dos quaes foi mais feroz; mas não menos prejudicial á França o segundo.

Parece-nos ter provado o que dissemos, e feito vêr que o snr. A. Herculano é pouco seguro nas suas affirmações, e contraveio á verdade suppondo um motivo que não existira.

E vamos agora vêr outra contradicção que não fica devendo nada ás antecedentes.

A pag. 262 diz: «Trento exprime um facto notavel» esse facto é, no seu modo de vêr (a decadencia moral da Igreja Catholica até pela depravação da doutrina), «altera-se o dogma e busca-se alterar a disciplina, (pag. 274.»)

A pag. 276 accusa Roma de querer alterar a constituição da Igreja, accres-

centando que «o pensamento da assembléa celebrada em Trento ha trezentos annos, tende sempre á completa realisação» d'essa alteração. Não contente com isto disse a pag. 290: «Figurava de ecumenico o concilio de Trento»; isto é, o concilio de Trento não era concilio ecumenico.

A pag. 266 falla dos bispos do Vaticano, e accusa-os de terem abandonado as tradições apostolicas do concilio de Jerusalem, atraiçoando assim a causa de Deus e da Igreja.

E a pag. 295, desmancha-se a chamar «extravagancias dogmaticas da immaculidade e da infallibilidade» ás Bullas que definem as duas doutrinas, e «blasphemias sociaes» ao Syllabus.

A par d'isto affirma a pag. 270 «que Roma, ou antes os successores de Pedro, podiam, como elle, *cahir em erros de doutrina,* não perpetuamente, mas temporariamente.»

Deixemos por ora de parte a blasphemia e heresia que entranham aquellas palavras; e consideremos a contradicção que está á vista. O snr. Herculano reconhece a infallibilidade dos Papas, mas consola-se com a lembrança de que padece alguns ecclipses de curta duração. Outra intelligencia não póde ter o adv. *temporariamente;* mas ao mesmo tempo vem dizendo que os Papas e os Bispos jazem no erro ha mais de 300 annos. Miseravel contradicção, e mais miseravel ainda por pretender que eram os governos civis que estavam na verdade. Se pôde errar a Igreja, a quem Deus prometteu que nunca erraria, como não erraram os governos, aos quaes Deus não prometteu nada? A asserção é insana tambem.

Mais; antes do snr. Herculano e dos jansenistas que accusaram a Igreja d'erro, iguaes accusações lhe fizeram os protestantes; e antes d'estes todas as seitas hereticas até ao tempo dos Apostolos accu-

savam a Igreja de ter cahido em erro, nem mais nem menos do que faz agora o snr. A. Herculano, que todavia affirma que todos mentem, e foi até por isso que escreveu o *temporariamente*. Mas, por uma parte, se a Igreja está em erro ha 300 annos e é por ter persistido *systematicamente* n'esse erro que vieram a lume as Bullas da Immaculada Conceição, a do Syllabus, e a Constituição da Infallibilidade, que valor tem o *temporariamente?* e por outra parte, se ella se enganou, e tem enganado por mais de tres seculos, porque se não teria enganado por mais de dezoito? Que titulo divino tem este snr. Herculano para que seja isento de erro, e só elle seja infallivel, quando condemna os seus ascendentes em heresia, e quando imputa á Igreja ter cahido em erro?... Quando recebeu a auctoridade para determinar se sim ou não os concilios repetem as lições do Espirito Santo, ou se se inspiram do sôpro do principe das trevas? Tudo con-

tradicções, umas sobre outras, que é o castigo de quem por odio e por soberba se afasta da verdade!

E aqui não podemos deixar de notar a heresia, e a blasphemia.

Deus impoz aos Papas na pessoa de S. Pedro a obrigação de confirmar a seus irmãos na fé (S. Luc. XXII, 32), e a estes portanto o dever de ouvirem, e seguirem os seus ensinos, como pastor a quem foram encarregados (S. João XXI, 17) para os transmittirem ao povo christão. Quiz Deus que este fosse enganado por aquelles a quem deviam obediencia? Só a supposição é uma blasphemia; e comtudo está implicita nas palavras do snr. A. Herculano, que debalde tentará afastar a pecha de blasphemo, invocando a precaução do *temporariamente,* opposto a *perpetuamente*. Mas não o conseguirá, que ahi estão as palavras do Salvador: «E estai certos de que *eu estou comvosco* TODOS

OS DIAS até á consummação dos seculos (S. Math., XXVIII, 20),» a condemnal-o.

A heresia, inutil é demonstral-a, tanto está manifesta.

Ainda ha outras contradicções e palpaveis erros historicos, dirigidos todos a um fim danado, e que parecem por isso voluntarios; mas prescindimos de continuar a registar aquellas, e de corrigir estes, o que nos levaria mui longe, e, para dizermos tudo, já estamos enjoados de tanta má fé e audacia.

Concluimos aqui o nosso trabalho.

NOTAS

1—Pagina 5

Veja-se *passim* a *Advertencia previa* e a *Introducção* «á Voz do Propheta» no 1.º volume dos *Opusculos*, onde se encontram estas e outras pasmosas confissões, como a de ser o auctor vaidoso, orgulhoso, etc. («Chamarão uns a isto orgulho: chamar-lhe-hão outros vaidade. E uns e outros terão razão.»—*Adv. prev.*, pag. xv); mas como a de *calumniador* é a mais notavel, e a que muitos leitores serão tentados a tachar de impossivel, parece-nos conveniente apresentar aqui mesmo a prova. Eis as palavras textuaes do snr. Herculano:

«Em muitos d'esses individuos *apparentemente* revolucionarios (aos quaes combatia n'um de seus *opusculos* reeditados agora aos milhares. Que moral!.. E não tem graça o adverbo

que tomamos a liberdade de sublinhar?), havia o patriotismo reflexivo; e até a abnegação; em quanto em nós, os que os agrediamos com a *sinceridade* da indignação, havia, por *amor exagerado* aos bons principios, uma colera *que em muitos casos offuscava a razão.*»—(*Introducção*, pag. IV).

2—Pagina 6

Mas então o que fica, posto de parte o direito divino (*) e negada a soberania popular? A força bruta, manejada por alguns espertos; ou esse *pandemonium* que se chama o reinado da anarchia.

Ah democratas impostores! liberaes moderados e socialistas verdadeiros! Fazeis caretas.

(*) Quando fallamos do direito divino, não o tomamos por certo no mesmo sentido erroneo e até absurdo em que o tomaram certos regalistas d'outras eras e ainda hoje o tomam o snr. Herculano, Latino Coelho, Magalhães Lima e muitos outros liberaes da gemma que por ahi fazem gazetas ou compoem livros; mas no sentido orthodoxo e summamente rasoavel em que o admitte e o ensina a Igreja; no sentido em que o explicam S. Thomaz, o eximio Zoares, Balmes, Taparelli, Ramière e em geral os theologos e philosophos catholicos de melhor nota.

á Communa e fingis horror ao petroleo; — hypocritas miseraveis se não sois loucos varridos!

....

O snr. Herculano escreve: «A questão da soberania popular não era a que preoccupava mais os entendimentos cultos (dos liberaes de 34)...; tinham-n'a visto por entre a selva de oitenta mil bayonetas que fôra preciso quebrar-lhe nas mãos (com o auxilio apenas de tres nações estrangeiras)... O liberalismo achara a catadura da democracia pouco sympathica... A soberania popular, essa funccionara durante cinco annos (sic!) (refere-se ao reinado do Snr. D. Miguel) e dera mostra de si... As classes inferiores constituiam então, como hoje, como hão de constituir sempre, a maioria do paiz, e foi a esta maioria que a soberania do direito divino entregou os direitos que cedia. Era a legitimidade consagrando outra *legitimidade*. Amavam-se, comprehendiam-se ambas... O mercador, o artista, o proprietario, o homem de letras, o capitalista, todas as desigualdades sociaes, todos esses attentados vivos contra a perfeita igualdade democratica, conservaram por muito tempo dolorosas lembranças do amplexo das duas soberanias. O liberalismo (o seu bem amado, o idolo do snr. A. Herculano), que durante a con-

tenda fôra um pouco aspero para com a democracia, mais de uma vez tambem, empregara *sacrilegamente* a prancha do sabre e a coronha da espingarda para cohibir o excesso de zelo administrativo e judicial da soberania popular. A *brutalidade* do liberalismo obrigara esta a abdicar após a abdicação da soberania do direito divino». (Vid., de pag. 20 a 22). — E a *candida* folha academica, *Correspondencia de Coimbra,* a dizer-nos ha poucos dias — em seu n.º de 31 de janeiro de 1875 — que «a mais *sublime* conquista das revoluções liberaes foi sem duvida a proclamação da *soberania popular*»*!*).

Por mais que quizessemos encurtar esta citação, não nos foi possivel. Se ella é uma joia preciosa entre as mais preciosas que nos podera offertar a mão liberalissima do snr. Herculano! Como desperdiçar uma particula ainda que minima? Um liberal puritano,—liberal de *truz*—um revolucionario convicto, confessando ter combatido a *soberania popular* — o grande dogma da revolução e do moderno liberalismo!— e applaudindo-se pelo feito, é *sublime*. Se por um lado quer demonstrar o absurdo da tal *soberania* (e não ha cousa mais facil), como descobre pelo outro a impostura e a malicia de

toda a *familia* revolucionaria e liberal que jámais deixou de invoca-la e de servir-se d'ella como *base inconcussa* do titanico edificio em que trabalha!

Ainda bem que os homens do erro tomam a tarefa de a si mesmo se refutarem!—*Dieu contraint l'erreur à se refuter elle même, et elle ne nous laisse guere d'autre travail que d'enregistrer les démentis qu'elle se donne* (*Ramiére,—L'Eglise et la Civ. Mod.,* pag. 361).

INDICE

III

Concilios e Papas

IV

O Syllabus

V

Plano heretico e schismatico

VI

Continua-se a examinar o Plano

PAGINAS

VII

Plano de perseguição e novas contradicções

VIII

Ainda novas contradicções e faltas de verdade

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

TEIXEIRA DE FREITAS — EDITOR

A MAÇONARIA DESMASCARADA

1 volume de 274 paginas.......... 300
Em papel superior.................. 500

O MATRIMONIO

SUA LEI NATURAL E HISTORIA, SUA IMPORTANCIA SOCIAL

POR

D. JOAQUIM SANCHEZ DE TOCA

Traducção do Bacharel L. Beltrão da Fonseca Pinto de Freitas

2 volumes em 8.º grande............ 1$000

(O 2.º VOLUME A SAHIR DO PRÉLO)

DUAS OBRAS DE MISERICORDIA

(Ensinar os ignorantes e castigar os que erram)

OU

ENERGICA REFUTAÇÃO

DO

OPUSCULO DO SNR. A. HERCULANO A PROPOSITO DA SUPPRESSÃO DAS CONFERENCIAS DO CASINO

PELO SNR.

JOSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO

COM PROLOGO E NOTAS POR UM VIMARANENSE

1 volume.......................... 400